

## **Valores e Preferências**

**Hugo Brás de Jesus**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Filosofia no Secundário**

**Novembro, 2016**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Filosofia no Secundário realizado sob a orientação científica do professor Doutor Luís Manuel Bernardo.

# **RELATÓRIO**

## **Apresentação descritiva da Prática de Ensino Supervisionada (PES)**

### **Valores e Preferências**

Hugo Brás de Jesus

#### **Resumo**

O presente relatório está dividido em duas partes. Na primeira, descrevem-se as atividades desenvolvidas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Filosofia no ensino Secundário, envolvendo planificações, aulas, avaliações e planos de atividades, de acordo com as diretrizes do Projeto Educativo da Escola Secundária de Miraflores, em Algés. Na segunda, propõe-se uma breve reflexão acerca dos valores e preferências enquanto fatores determinantes para uma constante realização do ser humano, com vista a problematizar uma forte preferência, que existe hoje em dia, pelo consumo da rede virtual ou da internet assumida como indispensável para a satisfação desse desígnio. Face a esta situação, questiona-se se a Escola não acaba por perder progressivamente o lugar de preferência e de escolha de uma educação e formação axiológica devidamente orientada, na medida em que lhe cabe o papel principal para educar e formar os seus alunos com capacidade crítica e reflexiva através de contextos teóricos e de experiências valorativas reais, a favor de outros ambientes comunicativos, de cariz virtual sujeitos a uma normatividade mais difusa. Ao invés dos discursos mais catastrofistas, defende-se que esta perda de influência deve ser reconhecida como um novo desafio para a Escola, a qual, em consequência, deve encontrar os meios para reforçar o seu próprio valor, enquanto instituição que prepara indivíduos conscientes de si e da importância das suas ações valorativas, enquanto veicula valores fundamentais para o desenvolvimento da pessoa e da humanidade.

**Palavras - chave;** Valores, ações valorativas, preferências, educação, pedagogia axiológica, rede virtual.

#### **Abstract**

This report is divided in two parts. In the first one, the activities, developed in the scope of the Supervised Teaching Practice of the Master's Degree in Teaching Philosophy in Secondary Education, are described, involving planning, classes, evaluations and plans of activities, according to the guidelines of the Educational Project of the Secondary School of Miraflores in Algés. In the second one, it is proposed a brief reflection on the values and preferences as determinants for the constant realization of the human being, with a view to problematizing a strong preference that exists today, for the consumption of the virtual network or of the internet assumed as indispensable for the satisfaction of that design of humanity. Faced with this situation, it is questioned whether the School does not end up losing progressively the place of preference and choice of a properly oriented axiological education and formation, since it has the main role to educate and train its students with critical capacity and reflexive within theoretical contexts and real value experiences, in favor of other communicative environments, of a virtual nature with a more diffuse normativity. Instead of the most catastrophic discourses, it is argued that this loss of influence must be recognized as a new challenge for the School, which,

as a consequence, must find the means to reinforce its own value as an institution that prepares individuals who are aware of themselves and of the importance of their actions, while transmitting fundamental values for the development of the person and of humanity.

**Key words;** Values, actions, preferences, education, axiological pedagogy, virtual network.

## ÍNDICE

• INTRODUÇÃO.....	1
• CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	2
• PROJETO EDUCATIVO.....	4
• O INÍCIO DO ESTÁGIO.....	6
• PLANO ANUAL DE ATIVIDADES.....	7
• AULAS.....	11
• CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO.....	16
• PROBLEMAS IDENTIFICADOS.....	19
• DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	22
• VALORES.....	24
• AS PREFERÊNCIAS.....	26
• VALOR, SER E ESTAR.....	27
• CONSUMO DO VIRTUAL.....	30
• O VALOR ESCOLA.....	33
• PEDAGOGIA AXIOLOGICA.....	37
• EXPERIÊNCIAS VALORATIVAS REAIS.....	40
• CAMPO ESCOLA.....	43
• CONCLUSÃO.....	45
• BIBLIOGRAFIA E CONSULTAS WEB.....	46
• ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

A componente prática que se irá descrever no presente relatório está relacionada com as horas de estágio realizadas na Escola Secundária de Miraflores (ESM) em Algés. No cumprimento de professor estagiário na disciplina de Filosofia foi acompanhada uma turma do 10º ano e uma do 11º com sessões de leção e de assistência. O estágio surge no seguimento do mestrado em Ensino da Filosofia no Secundário denominado como Prática de Ensino Supervisionada, que através do protocolo estabelecido entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) e a Escola Secundária de Miraflores (ESM) permite aos alunos realizarem um ano lectivo em contexto de trabalho como professores estagiários. O procedimento do desenvolvimento do estágio em contexto escolar envolve um orientador na escola onde se realiza e um coordenador por parte da Universidade. A cargo da orientação do estágio esteve a professora Alice dos Santos da ESM e da coordenação o professor Doutor Luís Manuel Bernardo da FCSH. O estágio não foi remunerado mas houve por parte da escola de acolhimento toda a disponibilidade para a utilização dos materiais que envolviam as atividades e o trabalho dos professores estagiários, como fotocópias, livros da biblioteca, projetores, canetas de acetato, auditório, colunas e microfone. As turmas seleccionadas para acolherem o período de estágio foram o 10ºA1E1, turma das áreas de artes e de economia e o 11ºH1, turma da área de humanidades.

O presente relatório também descreve uma componente teórica que com um tema previamente escolhido com o coordenador de estágio, complementa a experiência vivida pelo professor estagiário no ambiente da educação e leção escolar. O tema escolhido debruça-se sobre a questão dos valores e das preferências. Sobre este tema interessou primeiramente estar atento à forma como os alunos se sentem motivados em sala de aula e na escola em geral para depois perceber com o trabalho de investigação de que forma se poderão ultrapassar obstáculos no desenvolvimento educacional nomeadamente aqueles que se relacionam com a atenção e importância que os jovens depositam no envolvimento com a internet. Basicamente, através do envolvimento que se estabeleceu numa relação de professor estagiário com os alunos, tentou-se perceber de que forma se predispunham para aprender, na medida em que para além do ensino ser obrigatório, que motivos existiam para estar na escola. A este olhar atento relacionou-se o tema dos valores com base nalgumas obras que envolviam o assunto quer de forma direta sobre a exploração e investigação à volta do conceito, quer de

forma indireta sobre temas que implicam a situação do ser humano no mundo. O tema em si envolve outros difíceis conceitos como o bem ou o bom o mal ou mau, entre outros. Pretendeu-se assim, mostrar de que forma o significado de valor ou valores, apesar de assumir formas diferentes no tempo e no espaço ou no contexto histórico em geral, será provavelmente, a partir do contexto da educação transmitida e aprendida na escola, o que se assume como guia e desenvolvimento da própria educação, desde que não abdique das infra – estruturas ou de um espaço onde os estudantes os descubrem e praticam entre si e toda a comunidade escolar envolvente.

### **CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.**

A Escola Secundária de Miraflores (ESM) foi inaugurada no ano letivo de 1987/88 e localiza-se na freguesia de Algés na Av. General Norton de Matos. Dá resposta educativa a alunos do 3.º ciclo e do Ensino Secundário. Neste nível de ensino estão contempladas as áreas de Ciências e Tecnologias, Artes Visuais, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas. A Escola tem ainda em funcionamento um curso noturno de Eletrónica e Automação de Computadores. Existem quarenta e nove turmas de terceiro ciclo, ensino secundário e profissional nocturno.

A Escola Secundária de Miraflores é a escola sede do Agrupamento de Escolas de Miraflores (AEM) ao qual pertencem ainda o Jardim-de-Infância Luísa Ducla Soares (com quatro salas de atividades), a Escola Básica Integrada de Miraflores (com onze turmas do 1º ciclo e dezasseis turmas do 2º ciclo), a Escola Básica do 1º ciclo com Jardim de Infância do Alto de Algés (com quatro salas de atividades e dezasseis turmas).

A orgânica da ESM segundo o seu regulamento interno definido para 2013/2017 é composta pelo Conselho Geral (CG) e este por 7 representantes do pessoal docente; 2 representantes do pessoal não docente (sendo aconselhável um dos representantes pertencer aos serviços da administração escolar); 5 representantes dos pais e encarregados de educação; 2 representantes dos alunos; 2 representantes do município; 3 representantes da comunidade. O Diretor eleito pelo conselho geral é o órgão de administração e gestão do agrupamento de escolas nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. O Conselho Pedagógico é constituído pelos seguintes elementos: a) 1 Presidente b) 1 Coordenador do Departamento da Educação

Pré-Escolar c) 1 Coordenador do Departamento do 1º ciclo d) 1 Coordenador do Departamento de Português e) 1 Coordenador do Departamento de Línguas Estrangeiras f) 1 Coordenador do Departamento de Ciências Sociais e Humanas g) 1 Coordenador do Departamento de Matemática h) 1 Coordenador do Departamento de Ciências Experimentais i) 1 Coordenador do Departamento de Expressões j) 1 Coordenador do Departamento de Educação especial k) 1 Coordenador das Bibliotecas do agrupamento l) 4 Coordenadores dos Diretores de Turma/Titular de Turma. O Conselho Administrativo com a seguinte composição: a) O diretor, que preside; b) O subdiretor ou um dos adjuntos do diretor, por ele designado para o efeito; c) O chefe dos serviços de administração escolar, ou quem o substitua.

O estabelecimento é constituído por seis pavilhões, dotados de salas de aulas e laboratórios de Física, Química e Biologia. O Pavilhão A é ocupado pelas salas de direção, de professores, de diretores de turma, de assessoria, os serviços administrativos, a reprografia, a biblioteca e a sala multimédia.

O refeitório e o bufete encontram-se no pavilhão D. Noutros pavilhões existem salas de Educação Tecnológica e de Educação Visual, um gabinete interativo de formação transversal sobre saúde e sexualidade e o Gabinete de Psicologia. Os Departamentos Curriculares contam com espaços destinados ao trabalho dos docentes e aos materiais das respetivas disciplinas.

Em termos desportivos a Escola conta com um pavilhão gimnodesportivo (propriedade da Câmara Municipal de Oeiras), um campo de relva sintética equipado com balneários, uma pista de velocidade e uma caixa de saltos.

A Escola Secundária de Miraflores tem uma Associação de Estudantes, bem como uma Associação de Antigos Alunos, que preserva o vínculo entre a Escola e os seus ex-estudantes.

É ainda visível quer na entrada para os pavilhões como para o anfiteatro a existência de rampas de acesso para pessoas com mobilidade condicionada. Também existe um portão automático de entrada para escola que permite aos professores entrarem com os seus veículos e estacionarem dentro da escola. De notar também, que ficou estipulado pela direcção em conjunto com todos os departamentos e encarregados de educação por motivos de segurança dos alunos que o mesmo portão não seria usado no intervalo de vinte minutos na parte da manhã.



## PROJETO EDUCATIVO

O Projeto Educativo 2014/2017 definido para o AEM segue as directrizes definidas no regulamento interno e tem como primado essencial o contributo para a formação integral dos alunos. Estes objetivos estão de acordo com a aquisição das aprendizagens essenciais previstas no currículo nacional para o final de cada ciclo. As orientações descritas no currículo nacional <sup>1</sup> definem o que se pretende que as escolas do ensino público atinjam e assim o projeto educativo do AEM elabora as suas atividades tendo em conta os programas e metas curriculares propostas para cada disciplina. No site da direcção geral da educação podemos consultar os documentos de apoio. Para o caso da disciplina de Filosofia, componente da formação geral, os documentos de apoio com a referência dos programas e das metas curriculares descrevem-se com grande abertura, deixando ao critério de cada escola e de cada professor a definição das abordagens teóricas, dos recursos e das estratégias a adotar. No entanto, tendo em conta avaliação sumativa externa foi criado um documento<sup>2</sup> orientador que descreve os conteúdos que necessariamente devem ser abordados e que constarão no exame nacional.

É também visível no PE a preocupação com a escolha dos melhores valores a transmitir aos alunos. O trabalho não é só pedagógico mas também psicológico e social e faz parte das estratégias definidas para este projeto, tendo em conta a situação de muitos pais e encarregados de educação numa situação de desemprego, podendo estes encontrarem Atividades de Acompanhamento e Apoio à Família. Também faz parte do projeto o apoio a alunos que manifestem Perturbações do Espectro do Autismo. Estes alunos são integrados no ambiente escolar através de situações adaptadas que promovam a sua inclusão e o desenvolvimento das suas capacidades.

O PE do AEM tem a sua filosofia de educação orientada para o desenvolvimento de princípios e valores como a igualdade, a solidariedade, o respeito pela diversidade, o conhecimento e o empenho individual para a construção de um cidadania local e global. Estes princípios que se traduzem na formação global da pessoa encontram-se descritos no PE em três conceitos, Missão - formar jovens cidadãos, transmitindo conhecimentos e saberes facilitadores da sua inserção na sociedade, de maneira ativa, visando a competitividade do país e o bem-estar comum; Visão - ser uma escola de qualidade,

---

<sup>1</sup> <http://www.dge.mec.pt/>

<sup>2</sup> Orientações para efeitos de avaliação sumativa externa das aprendizagens na disciplina de Filosofia – 10.º e 11.º Anos. <http://www.dge.mec.pt/filosofia-1>

onde o aluno aprende a ser, a conviver, a comunicar, a trabalhar e a valorizar a diversidade. Uma escola que estimule a autonomia, a criatividade, a aquisição de estratégias inovadoras para explorar, descobrir e resolver problemas, integrado em equipas de trabalho. Uma escola onde os valores sociais, humanos, culturais e ambientais constituem o eixo transversal das aprendizagens; Valores - o gosto de aprender – incutir a aprendizagem em continuidade como fator de auto-realização e valorização individual. A cultura do trabalho - necessária à apreensão e uso dos conhecimentos e treino das capacidades. O trabalho em equipa - fonte do desenvolvimento coletivo e da aprendizagem de socialização e prevenção de atitudes anti-sociais agressivas. Uma escola para todos - pluralista, diversificada e multicultural. A formação integral - nas vertentes, cognitiva, cultural, ambiental e humanista. A equidade - garante de igualdade de oportunidades. A liberdade individual - para que cada um possa desenvolver o seu projeto e as suas capacidades. A coesão social - desenvolvimento de práticas educativas e de formação, portadoras de valores comuns e da redução das desigualdades sociais.

Uma das prioridades da ação para que o plano desenhado no PE possa funcionar corretamente é a sua auto-avaliação e o empenho de cada departamento curricular por iniciativa própria, a fim de desenvolver em articulação com os demais soluções organizacionais e pedagógicas consensuais e eficazes.

Em suma, o PE, definido para três anos, descreve como é feita a gestão e prática pedagógica que visa a orientação curricular na escola. É estabelecido com toda a comunidade escolar desta instituição a elaboração do plano de ação que integra os objetivos estratégicos, as ações, as metas e os indicadores de medida. O sucesso da escola e dos alunos depende da forma como se organizam e interligam todos os processos que ajudam a compreender a educação não só por componentes de avaliação mensurável mas também pela formação do indivíduo como pessoa e para a cidadania. Assim o PE constitui-se como instrumento de identidade pedagógica da escola conferindo autonomia para definir os seus objetivos de acordo com a sua situação concreta.

## O INÍCIO DO ESTÁGIO

Sob a orientação da professora de Filosofia da Escola Secundária de Miraflores Alice dos Santos, foram acompanhadas as turmas do 10º A1E1, turma da área das artes e da área de economia e o 11º H1 turma da área das humanidades, na lecionação dos conteúdos da disciplina para o 1º, 2º e 3º período do ano lectivo 2105/2016.

O início do estágio começou com a primeira reunião do Conselho de Turma (CT) para o 11º H1, antes de começarem as aulas para o ano lectivo 2015 -2016, no dia 16 de Setembro na Escola Secundária de Miraflores. Nesta reunião estiveram presentes os professores da componente de formação geral e da componente da formação específica. Sendo professor estagiário, a participação no CT serviu para a primeira apresentação e integração no grupo de docentes. Esta e as várias reuniões que se foram realizando ao longo do ano letivo, nomeadamente no fim de cada período, permitiram perceber o que deve fazer parte da Ordem de Trabalhos (OT), estabelecida para o CT.

Os assuntos tratados na primeira reunião definem a OT que se deve discutir entre colegas docentes. Eles estão descritos em cinco ou seis pontos dessa OT. Alguns deles, comuns nas reuniões das duas turmas, referem-se à apresentação dos docentes, caracterização da turma, as planificações das atividades da turma e eleição do coordenador para o Projeto de Educação Sexual Turma (PEST). As reuniões dos professores são organizadas pelo presidente do CT e pela participação dos restantes docentes nomeadamente para elaboração das atas dessas mesmas reuniões.

A marcação dos testes ou problemas relacionados com a causa dos seus resultados são devidamente trabalhados pelos professores que demonstraram ter sempre em mente os objetivos que se pretendem atingir nas metas curriculares. Um exemplo é que se trabalhou na escola desde o início do ano, como se comprovou na reunião de Departamento presidida pela professora Luísa Amaral,<sup>3</sup> foi a valorização do estudo literário. Uma das estratégias para ajudar os alunos a superar as dificuldades na compreensão, interpretação e análise de textos passou pelo acompanhamento semanal na leitura de diversos textos. Muitas vezes a falta de entusiasmo por parte dos alunos e hábito para a leitura passa por um desinteresse geral da comunidade escolar. Os momentos de leitura acompanhados pelos professores em horas livres no horário escolar, facilita a motivação ou interesse dos alunos não só para a leitura de temas

---

<sup>3</sup> Professora de Filosofia na Escola Secundária de Miraflores

relacionados com a matéria da disciplina mas também para outros temas de outras obras. Nesta reunião concluiu-se que ainda há muito trabalho a fazer uma vez que ainda grande parte dos alunos demonstra desinteresse pela leitura.

## **PLANO ANUAL DE ATIVIDADES**

Além da participação das reuniões da escola, todos os dias da semana o núcleo de filosofia reunia-se com a orientadora para esclarecer dúvidas, elaborar e corrigir planificações, elaborar testes sumativos e programar atividades nomeadamente as do Plano Anual de Atividades. As atividades deste plano ficaram definidas no início destas reuniões e foram organizadas do seguinte modo: – para a primeira atividade definiu-se a organização da comemoração do Dia Internacional da Filosofia a 19 de Novembro, o qual decorreu no anfiteatro da escola com um encontro do músico João Só e da professora Doutora Marta Mendoça<sup>4</sup> para falarem sobre as suas experiências e ligações com a filosofia. Foram organizadas algumas questões e colocadas aos convidados até que se tornou um debate aberto com a participação dos alunos da escola, sob orientação dos estagiários. A atividade também previu uma mesa no pátio para a participação de toda a comunidade escolar nos discos pedidos. Os alunos demonstraram interesse total em participar na escolha das músicas e muitos aproveitaram para demonstrar a sua vocação para cantar. Apesar desta atividade só ter durado o intervalo de 20 minutos ela revelou-se uma novidade bem aceite não só pelos alunos mas também por todos os funcionários da escola que aproveitaram para reviver algumas músicas tal como o “imagine” de John Lennon. Para a segunda atividade ficou definido a comemoração do Dia Mundial dos Direitos Humanos a 10 de Dezembro com a participação dos alunos num debate aberto no anfiteatro da escola. A atividade baseou-se na projeção de um filme sobre a história dos Direitos Humanos e num debate sobre alguns direitos descritos na carta da UNESCO. O debate ficou sob a orientação dos professores estagiários.

Os problemas atuais, fizeram parte das atividades desenvolvidas para os alunos do 10º A1E1, através também da elaboração de debates em sala de aula, este ano sobre os refugiados da Síria. Estas aulas organizaram-se com o visionamento de dois filmes, um contra, outro a favor do acolhimento dos refugiados em Portugal. Este foi o tema

---

<sup>4</sup> Professora de Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

específico do debate o qual revelou de imediato a vontade de participar e a autonomia dos próprios alunos para mostrarem uma posição em relação ao assunto. Foi pedido aos alunos que se dividissem em dois grupos, os que eram a favor do acolhimento dos refugiados em Portugal e os que eram contra. O desafio constava na apresentação da melhor argumentação e para isso cada um dos grupos fez o registo dos argumentos que considerava relevantes para a defesa da posição que assumiram. O debate iniciou-se frente a frente com o representante de cada grupo ouvindo-se primeiro os argumentos a favor e de seguida os contra argumentos. De seguida os membros de cada grupo passaram também a participar na defesa do seu representante. Esta foi uma atividade que se revelou positiva pelo empenho dos alunos e a sensibilização aos problemas da humanidade. Apesar de alguns argumentos defendidos terem visivelmente influencia naquilo que os *media* transmitem no dia-a-dia, notou-se em ambos os grupos uma posição bem definida em relação às suas opiniões. Esta atividade permitiu que os alunos livremente mostrassem que também têm ideias bem definidas em relação aos problemas do dia-a-dia e que não vivem com indiferença no que a estes temas respeita. O debate organizado com o sentido das regras para o seu desenvolvimento revela-se ser uma atividade que funciona muito bem no contexto disciplinar e em que a aderência é total. Os alunos gostam de ser ouvidos e de serem valorizados pelas suas opiniões pessoais. É no confronto das suas ideias em relação a temas universais, que envolvem a humanidade, que o empenho e o esforço se faz notar de forma gratuita por parte dos jovens alunos. Neste tipo de debates organizados não só lhes foi permitido mostrar atitude e posição como também os levou a refletir melhor sobre as suas opiniões ouvindo e conhecendo as dos seus colegas.

Realizou-se, ainda no fim do 2º período mais um debate no anfiteatro da escola com o tema “desconstruir a verdade científica”. Para a abertura do debate e início da discussão houve dois convidados de áreas diferentes. Do lado da perspectiva filosófica o professor Doutor Luís Manuel Bernardo<sup>5</sup> e a professora Paula Contenças<sup>6</sup> do lado da perspectiva científica. O problema fundamental a ser discutido foi o conceito de verdade científica na medida em que aquilo que a ciência revela possa servir ou não para responder a uma realização do ser humano. O debate aberto entre os convidados e os alunos demonstrou o interesse que existe por estas questões e como é fundamental o papel da filosofia para se poder ir mais além na investigação do conhecimento. O evoluir do debate nesta

---

<sup>5</sup> Professor de Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>6</sup> Professora de Biologia na Escola Secundária de Miraflores.

sessão não foi no sentido de mostrar que existe algum tipo de verdade absoluta ou que se deverá ignorar alguma das perspectivas, científica ou filosófica, para se compreender o sentido da evolução do ser humano. Importou sim mostrar aos alunos que não existem verdades absolutas e que o conceito de realização do ser humano obriga a que todas as áreas estejam implicadas uma vez que isto significa que o próprio ser humano ou a humanidade não se reduz a algo que seja só material ou espiritual, prático ou teórico. De forma geral discutiu-se o sentido que a humanidade leva na dependência do olhar científico. Em conclusão, o debate com a participação dos alunos revela que deve haver espaço para todas as perspectivas, desde que exista uma consciência crítica acerca daquilo que pode prejudicar ou beneficiar o ser humano, dada a circunstância em que este se insere e os valores que o guiam. Os alunos revelaram interesse e foram participativos com as questões que colocaram aos convidados. Alguns dos temas das suas perguntas relacionaram-se com as descobertas científicas em prol da humanidade nomeadamente na saúde e na ameaça que essas próprias descobertas também podem trazer como as guerras químicas. A atividade deste dia realizou-se na parte da manhã. O convite para o debate foi feito a todas as turmas mas uma vez que o auditório só tinha capacidade para 54 lugares optou-se por fazer duas vezes a mesma sessão de forma que as turmas interessadas em participar pudessem estar presentes.

As atividades do PAA estão em consonância com os objetivos estratégicos propostos no plano de ação do Projeto Educativo (PE) da escola. São alguns desses objetivos motivar os alunos para o sucesso escolar, desenvolver o gosto pelo trabalho e pela excelência e fomentar na comunidade escolar a prática sistemática de uma educação para os valores. Sob estas estratégias procurou-se que as atividades despertassem a cooperação, a autonomia e a motivação na participação das atividades por parte dos alunos, obedecendo desta forma aos documentos curriculares de referência<sup>7</sup> em vigor que designam as metas de aprendizagem.

Outras atividades acompanhadas, como professor estagiário, relacionaram-se com o desenvolvimento de conhecimentos transversais dos alunos através da elaboração de um plano projeto na disciplina de Filosofia. Perante a avaliação, os alunos têm outras oportunidades que não sejam unicamente os testes de avaliação sumativa. O plano ou trabalho projeto de filosofia permite perceber também muitas das competências cognitivas a nível da concetualização e domínio de conteúdos, problematização,

---

<sup>7</sup> Currículo Nacional do Ensino Básico e Secundário.

argumentação e comunicação escrita assim como muitas das competências sociais afetivas como o empenho, a autonomia, a responsabilidade e o comportamento. Realizado em 10 etapas pelos alunos de cada turma 10º A1E1 e 11ºH1, este plano de trabalho permitiu, ainda dentro das competências referidas, a liberdade de escolha dentro dos temas propostos e a criatividade e originalidade para a sua apresentação. As primeiras etapas foram a escolha dos grupos e dos temas. Para o 10º A1E1 os temas propostos foram - os direitos humanos e a globalização, - a responsabilidade ecológica e a paz mundial, - e o diálogo inter - religioso. Seguiu-se a planificação do trabalho e os diversos pontos da sua composição como a formulação dos objetivos, os recursos materiais e bibliográficos, os recursos humanos e a fundamentação filosófica. O trabalho de campo que envolveu pesquisa e recolha de dados através de diversas técnicas possíveis como fotografias ou vídeos, teve orientação e intervenção direta da professora da disciplina e do professor estagiário assim como na revisão das planificações e outras dúvidas neste desenvolvimento. O plano de trabalho previu também um relatório que cada grupo organizou com aspetos de título informativo e que não precisavam de integrar na apresentação oral. Esta ficou ao critério dos alunos podendo ser realizada utilizando, filmes, debates, dramatização, páginas web e outros. O plano de trabalho, que teve o seu início no segundo período, permitiu por parte dos alunos a realização de uma dissertação, apoiada no desenvolvimento de todas as etapas. Foram marcadas as datas para apresentação do relatório de grupo e para apresentação da dissertação individual. No final todos os alunos perfazem a última etapa que é dedicada à auto e hetero - avaliação.

A ponderação da percentagem atribuída às várias fases do trabalho projeto ficou distribuída em 20% para a escrita do relatório, 50% para a apresentação e 30% para a dissertação. Todas estas fases obedeceram a datas definidas para entrega com a penalização de menos um ponto em cada dia de atraso. Esta atividade integra os critérios de avaliação definidos para as competências socio - efetivas e contribuem para a nota final do terceiro período.

O idêntico sucedeu com a turma do 11º H1. Com o mesmo modelo de plano de trabalho e que acaba por se integrar no sentido da continuação dos conteúdos das unidades curriculares lecionadas. Os temas propostos para esta turma foram - A sustentabilidade do planeta, e - A tecnologia ao serviço das transformações no corpo. Neste último tema,

alguns foram os alunos que o viram como uma boa escolha, por ser uma realidade muito atual e por existirem diversos materiais disponíveis e dados para recolha.

O trabalho com os alunos, nas dúvidas e questões que acompanhavam o desenvolvimento do plano, acabou por ser enriquecedor para ambas as partes. A troca de ideias e informações para tentar responder aos temas escolhidos ajuda também o professor a chegar a novas ideias para orientar os trabalhos. Alguns dos principais objetivos da escola são de consciencializar os alunos para o sentido da cidadania e da democracia. No caso da biblioteca escolar, ela dá o exemplo de como consciencializar valores através da dinamização de diversas atividades lúdicas e culturais. Este é um exemplo de que são os valores que devem ser alvo das aprendizagens. A liberdade de pensar e o direito à informação e ao conhecimento como está designado no ponto 7 do artigo 79 do Regulamento Interno, neste caso para o espaço da biblioteca escolar, são formas essenciais de promover a igualdade e o espírito criativo.

O PE mostra ser um instrumento dinâmico na medida em que os seus objetivos visam apresentar um programa que se adequa à realidade dos alunos facilitando também novas oportunidades curriculares.

## **AULAS**

Ainda nas reuniões semanais com a orientadora foi-se definindo os aspetos mais importantes e que deveriam ter mais atenção na leção dos conteúdos das unidades curriculares, nomeadamente os conteúdos que estavam previstos para a avaliação externa. A leitura, a participação nas aulas, a realização de pequenas fichas, o contributo com exemplos pessoais quer do professor estagiário quer dos alunos, os recursos, desde livros, revistas, imagens e vídeos foram facilitadores das aprendizagens. Também a relação de confiança e respeito dentro da sala de aula serviram para que o decorrer das aulas funcionasse bem.

No dia 28 de Setembro de 2015, comecei a assistir às aulas de Filosofia das turmas do 10º A1E1 e do 11º H1. Sentado na fila da frente junto aos alunos fui percebendo como a orientadora professora Alice dos Santos geria as aulas e como introduzia e desenvolvia os conteúdos das unidades curriculares. A presença nas primeiras aulas como assistente por parte do professor estagiário é fundamental na medida em que permite quer ao estagiário quer aos alunos uma primeira aproximação uma vez que todos estamos



sentados na sala ao mesmo nível. É também importante pelo facto de se acompanhar a matéria da disciplina e permitir dar o mesmo seguimento destes conteúdos aquando da intervenção do professor estagiário. Durante estas primeiras aulas a orientadora vai sugerindo o que se poderá incluir na planificação dependendo das características e do evoluir da turma. Por exemplo para a turma do 10ºA1H1, uma vez que era o primeiro ano que tinham a disciplina de Filosofia existia, como sempre e geralmente uma grande curiosidade acerca dos temas. Para esta turma as primeiras aulas foram dedicadas às opiniões dos alunos acerca do termo e da disciplina de Filosofia. Quais as suas expectativas, quais os conhecimentos ou informações em volta do que é a Filosofia foram atividades que se começaram por trabalhar de forma escrita e de forma oral e que serviram de introdução à disciplina seguindo-se a matéria ou os conteúdos propriamente ditos com a definição e esclarecimento acerca do objeto de estudo sobre o qual se debruça esta área.

Estas turmas tinham as aulas de Filosofia e as aulas das outras disciplinas, sempre na mesma sala. Para o 10º A1E1 no pavilhão B sala B7 e para o 11º H1 no pavilhão E sala E7. O horário estava preenchido com aulas de 50 minutos, na parte da manhã, às segundas-feiras com um tempo para o 11º ano às 09:20m e às 11:30m dois tempos de 50 minutos para o 10º ano. O tempo livre entre as 10:30m e as 11:30m serviu para reuniões com a orientadora. Às terças-feiras, às 10:30m eram as reuniões do núcleo de estagiários de filosofia com a orientadora. Nas quartas-feiras às 10:30m havia dois tempos com o 11º ano e às quintas-feiras às 11:30m o 10º ano com um tempo.

No geral as aulas começavam com a chamada presencial dos alunos e marcava-se os que estavam em falta no programa informático próprio da escola. As salas dispunham de computador na secretária do professor, de um quadro em acrílico e de um quadro interativo, que servia para fazer a projeção de slides, vídeos e imagens. No início de cada aula, quer no 10º e no 11º ano prosseguia-se com a escolha de um aluno para fazer a sinopse da última matéria dada. No 11º H1 as aulas começaram com a unidade de lógica sobre as noções de lógica formal e informal, lógica natural e científica e também com a distinção entre argumentos válidos e argumentos verdadeiros. Foi de notar para esta turma da área de humanidades como existia algum tipo de retenção em relação à disciplina. No geral e apesar das notas não serem muito altas a média do ano anterior em relação à disciplina mantinha-se positiva, no entanto os alunos descreviam a disciplina como difícil. Os primeiros conteúdos da disciplina de Filosofia para o 11º H1

sobre lógica formal revelaram ser um pouco diferentes uma vez que estavam em causa o conhecimento das regras para se poderem classificar os silogismos e resolver o valor das premissas. Os resultados do primeiro teste demonstraram que maior parte dos alunos desta turma não estiveram atentos à forma como se resolvem os silogismos. Nesta parte da matéria não se exige grandes leituras nem conhecimentos sobre conceitos filosóficos, o que se pretende é que o aluno tenha conhecimento das regras que lhe permitem resolver os problemas dados. É de notar que durante a exposição e lecionação da matéria os alunos não suscitaram grandes dúvidas conseguindo de forma geral resolver os exercícios propostos em sala de aula. Os resultados deste primeiro teste demonstraram falta de estudo e compreensão.

Para as duas turmas 10ºA1E1 e 11ºH1 durante os três períodos, seguiu-se sempre o método em que se escrevia no quadro a matriz do teste e que correspondia aos itens principais lecionados para que os alunos pudessem organizar o seu estudo. Depois de corrigidos e classificados os testes estes eram entregues aos alunos em sala de aula e procedia-se à correção do mesmo havendo assim oportunidade de os alunos esclarecerem as suas dúvidas e defenderem as respostas dadas. No caso da turma do 11º H1, no primeiro teste com os conteúdos sobre lógica formal, a correção do teste foi bastante positiva uma vez que os alunos através das suas respostas dadas esforçaram-se por perceber porque erraram. Como sugestão da orientadora foi acordado que o professor estagiário poderia realizar em formato power – point a resolução do teste A e B e juntamente com os alunos corrigir todas as questões esclarecendo ao mesmo tempo as dúvidas. A resolução foi projetada em sala de aula para cada teste e foram esclarecidas todas as dúvidas acerca de cada questão.

À medida que o ano avançava o à vontade com a preparação das aulas e a escolha dos recursos também se fazia notar aumentado a motivação e o empenho na dinâmica da lecionação dos conteúdos. O papel da orientadora durante o estágio é fundamental na medida em que nos faz perceber quais são os nossos pontos fracos e como podemos melhorá-los assim como é essencial o feed-back transmitido pelos alunos pela motivação e participação nas aulas, em esclarecimentos de dúvidas, resolução de fichas, leitura e interpretação de textos e os resultados dos testes. É igualmente importante o feed-back transmitido pelo colega professor estagiário. A frequência do estágio de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Filosofia no Secundário obriga a assistência de 25% das aulas do colega. Esta prática permite-nos, quer quando assistimos

às aulas do nosso colega, quer quando ele assiste às nossas a troca de impressões sobre aspetos que se podem melhorar no desenvolvimento das sessões. Acaba por haver um trabalho de equipa que se integra de forma positiva e que permite em conjunto com a orientadora e o coordenador acompanhar e precaver o bom desenvolvimento das aulas de forma que os alunos sejam beneficiados no decorrer do estágio.

As unidades acordadas em reunião, com a orientadora, a serem lecionadas pelo professor estagiário, foram para a turma do 10º A1E1 a unidade 2 do manual do 10º ano “Novos Contextos” – Os valores – análise e compreensão da experiência valorativa, e a sub – unidade 3.2 – A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética da unidade 3 – Dimensões da ação humana e dos valores. Foram planificadas um total de dez aulas de 50 minutos para a unidade 2 e outras dez aulas de 50 minutos para a sub – unidade 3.2. Estas aulas tiveram início no começo do segundo período no dia 4 de Janeiro de 2016.

Para a turma do 11º H1 os conteúdos escolhidos foram os que constam na unidade 2 do módulo III do manual de 11º ano “Pensar” – Argumentação e retórica e a unidade 3 – Argumentação e filosofia. Do módulo IV selecionou-se a unidade 1 – Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva a qual só se lecionou até à sub - unidade 1.2.2 – O empirismo de David Hume, continuando a orientadora a partir deste ponto. Também do módulo V do manual foi escolhida a opção B - A filosofia na cidade, para se lecionar. Estas aulas tiveram início a 26 de Outubro de 2015 e ficaram previstas em planificação dez aulas de 50 minutos para a leção destes conteúdos.

Desde o começo do estágio foi-se reunindo todo o material de trabalho num dossier. Este dossier esteve organizado em quatro separadores (- planificação, - realização, - avaliação e - atividades de interação) para cada uma das duas turmas. As reuniões com o coordenador de estágio o professor Doutor Luís Manuel Bernardo ajudaram a clarificar de que modo estes quatro domínios deveriam ser trabalhados tendo em vista por um lado as finalidades, sabendo que na disciplina de filosofia também importa formar bons cidadãos e por outro as competências, os objetivos gerais e específicos, os conteúdos, as estratégias ou procedimentos, os recursos ou material a utilizar, as formas de avaliação e o tempo previsto quer na leção de cada sessão, quer no número de aulas para cada unidade. A planificação engloba assim deste modo a realização e a avaliação. Para as atividades de interação e que neste caso foram apresentadas pelo PAA, a planificação foi de encontro ao previsto no PE conforme já foi descrito.

Os objetivos gerais, que avaliados indirectamente e a longo prazo, pretenderam através das suas planificações que os alunos acompanhassem de algum modo o desenvolver dos conteúdos num modo contínuo. Fizemos valer no início das primeiras aulas como estagiários, que o seguimento da matéria deixada pela orientadora tivesse a mesma continuação conforme as orientações dadas. Nas primeiras aulas houve algumas dificuldades em encontrar os verbos certos para as competências que se queriam classificar e avaliar. Assim como na avaliação já depois dos primeiros testes existia alguma dificuldade em estrutura-los. O modelo escolhido e que segue o modelo de exames internos e externos permite que as primeiras perguntas sejam escolhidas de forma rápida e intuitiva. Em maior parte dos testes, ao longo do ano, os testes que fomos corrigindo sob a supervisão da orientadora, revelavam que os alunos muitas vezes tinham a nota beneficiada pelo número de respostas certas dadas nos dois primeiros grupos e não tanto pelas respostas de desenvolvimento. Os primeiros grupos basicamente tinham questões, de verdadeiro e falso, escolha múltipla ou de correspondência e relação. Ao acompanhar os estudantes do 10ºA1E1 e 11ºH1 como professor estagiário e depois de já estabelecidas as relações professor-aluno, referia sempre com eles a necessidade do trabalho como estudantes, não só na preparação para os testes, como na disposição na sala de aula. Muitos destes alunos mostraram em sala de aula que sabiam mais do que o que conseguiam transmitir no teste de avaliação sumativa, mas mesmo com a melhor das intenções muitos não transmitiram empenho no começo das aulas. As notas do primeiro período nomeadamente na turma do 11ºH1 revelaram poucas negativas na classificação final e no quadro de resultados finais da disciplina de filosofia podia-se ver que os 20% dos trabalhos realizados e os 5% para as competências socio - afetivas ajudavam na classificação final de forma positiva. Também a avaliação das competências cognitivas permite dar mais uns pontos do que só uma avaliação sumativa com base no certo ou errado. No caso da turma do 10ºA1H1, apesar do desempenho ser idêntico ao que mostravam as classificações no 11º H1, existiam alguns alunos que apesar de uma classificação positiva tinham valores baixos nas competências sócio - afetivas.

Relativamente à elaboração das planificações, no decorrer do ano letivo elas foram começando com algumas dificuldades, nomeadamente na gestão do tempo, se bem que esta dificuldade estivesse mais presente no início para se definir o número de aulas que se deveriam dar por cada unidade, do que propriamente na gestão dos conteúdos para

cada tempo de aula ou sessão. A construção de um plano para cada aula ajudou a superar os níveis de confiança para que como professor estagiário não demonstrasse insegurança perante os alunos na leção da matéria. A preparação destes planos ou planificações de sessão iam permitindo uma previsão de como se poderiam desenvolver as aulas. Permitiam que a gestão do tempo fosse conduzida para os conteúdos que interessavam lecionar. À medida que a experiência na elaboração destas planificações aumentava iam-se inserindo no acompanhamento e em contexto da matéria tempos lúdico – didáticos, como o visionamento de imagens, filmes, documentários, que por sua vez motivavam os alunos para compreender a matéria e participarem nas aulas.

Fez parte das planificações e foi igualmente importante a realização de fichas e a leitura dos textos que constavam no manual adotado para a disciplina assim como outros textos retirados da internet, obras, artigos e revistas. O manual é o instrumento mais próximo que os alunos dispõem para trabalhar os conteúdos definidos para o ano letivo. Apesar dos alunos recorrerem com frequência à internet para tirarem algumas dúvidas, principalmente quando estudam para os testes, o manual serviu sempre como guia principal de orientação do estudo. A acompanhar o manual vêm também os manuais de apoio com sínteses da matéria e exercícios com diferentes tipos de perguntas que facilitam o estudo. Alguns alunos não dispunham do conjunto destes manuais pelo que foram distribuídas fotocópias dos textos e das fichas previamente selecionadas a fim de se realizarem na sala de aula.

## **CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO**

Nas reuniões semanais do núcleo de estágio juntamente com a orientadora foram preparados os testes de avaliação sumativa. Para cada um dos três períodos, em cada uma das duas turmas foram entregues dois testes. A orientadora sugeriu-nos um modelo de teste que obedecia ao formato que os alunos iriam encontrar no exame final da disciplina caso optassem por fazer o exame de filosofia. No geral, o teste era composto por quatro grupos de respostas, sendo que o primeiro grupo era de resposta rápida e os seguintes de desenvolvimento. No grupo de respostas rápidas pedia-se por exemplo para identificarem uma resposta correta de entre as alíneas dadas de a) a d). Nas respostas de desenvolvimento apresentavam-se questões que eram acompanhadas por uma frase de algum autor dado ou por um ou dois textos pequenos que iriam servir para os alunos interpretarem e relacionarem com os conhecimentos adquiridos. A elaboração dos testes

mostra-se positiva para o trabalho como professor estagiário uma vez que nos leva a rever a matéria e a explorar novos textos igualmente adequados aos conteúdos da leção, a formular questões de forma clara e correta. Para o modelo de teste da turma do 10.º A1E1 e do 11.º H1 (ver em anexo I) foram feitas, em todos os testes dados em cada período, a versão A e B por motivos de se justificar o melhor possível, o desempenho cognitivo individual dos alunos. Estas foram devidamente preparadas juntamente com as observações e sugestões da professora orientadora Alice dos Santos.

As salas de aulas nesta escola são amplas mas no caso destas duas turmas cada uma delas era constituída por trinta alunos cada. O facto de haver duas versões do teste evita que os alunos copiem as respostas e também por outro lado prepara melhor o professor estagiário na elaboração dos testes uma vez que obriga à selecção rigorosa dos conteúdos ou mesmo a explorar a mesma questão de forma diferente. Também a correção destes é importante para o professor uma vez que explora melhor a matéria das respostas dadas em testes diferentes. No Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Escola Secundária de Miraflores para o grupo de Filosofia, assim como para todas as escolas de ensino público, os critérios de avaliação obedecem às metas de aprendizagem previstas e regulamentadas pelo Ministério da Educação. Os princípios que regulam a educação estão em consonância com os objetivos propostos pela União Europeia para a promoção de uma educação para a cidadania. Esta educação visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.

Nos três períodos deste ano letivo, a avaliação dos alunos quer da turma do 10.º A1E1 ou do 11.º H1 foi feita com base nos instrumentos de avaliação que estavam em conformidade com as orientações disponibilizadas pela Direção Geral da Educação. Ficou ao critério da escola e dos professores a forma e os recursos a utilizar para se trabalharem as aprendizagens. A grelha de avaliação dos testes para a turma do 10.º A1E1 contou com 70% para os testes escritos, 20% para trabalhos de investigação, portefólio, relatórios etc., e 10% para tarefas de competências socio - afetivas. Para a turma do 11.º H1 os testes contavam 75%, as tarefas de pesquisa 25% e para as competências socio - afetivas 5%. Para cada uma das turmas, no terceiro período foi feita a média aritmética do ano escolar arredondando-se às unidades a nota final. Estes valores ficaram registados em ficheiros de formato excel. Estes ficheiros foram

facilmente preenchidos, uma vez que as formulas já tinham sido criadas e inseridas com a distribuição das percentagens por competências, o que de algum modo facilitou este trabalho de inserção das classificações. No geral, 90% para a turma do 10.º A1E1 e 95% para o 11.º H1 da avaliação, é classificada a partir de assuntos específicos da Filosofia, onde são avaliadas as competências cognitivas como o domínio dos conteúdos, a problematização e a argumentação. Os 10% para a turma do 10.º A1E1 e 5% para o 11.º ano ponderam desde a escrita de forma correta e sem erros ortográficos até ao relacionamento socio - afetivo como por exemplo, avaliar se o aluno traz os materiais que se solicita para as atividades na sala de aula. Os itens de avaliação destas competências são o empenho, a autonomia, responsabilidade e o comportamento.

No inicio das aulas e durante o ano letivo, um dos instrumentos utilizado (ver anexo I) foi uma ficha onde se registava o desenvolvimento das atividades da disciplina, como trabalhos de casa, consulta de artigos, recolha de material, leitura clara dos textos etc. Durante a elaboração das planificações foram incluídas para as sessões atividades que dinamizavam já, uma série de comportamentos que iam ao encontro do que se pretendia avaliar. O teste sumativo é o instrumento de avaliação com mais peso pelo que o interesse dos alunos também se revelou, no geral, com mais empenho para ele. A classificação total da soma da pontuação das respostas foi registada em pontos de 0 a 200 e transformada à casa decimal, em que uma nota de 123 pontos por exemplo, correspondia a 12,3 valores.

No quadro final dos resultados do 1º período para a turma do 10.º A1E1 da disciplina de Filosofia podia-se verificar que os alunos quanto à classificação final, apesar de não terem uma média alta, conseguiram ter um nível positivo. Alguns alunos esforçaram-se mais na avaliação dos trabalhos e no empenho, para subir a nota do teste e outros mesmo com notas razoáveis no teste desceram a média por falta de empenho na avaliação das competências como a autonomia, a responsabilidade e o comportamento.

Para a turma do 11.º H1 a avaliação sobre as competências cognitivas totaliza 95%, em que 75% se refere aos testes escritos e 20% a tarefas de pesquisa e de partilha da mesma, trabalhos de investigação e apresentação dos mesmos, relatórios de aula, portefólios, trabalhos de grupo e TPC's. A avaliação das competências específicas da Filosofia está distribuída pela concetualização e domínio dos conteúdos, problematização e argumentação. A avaliação também é influenciada com 10% para a comunicação escrita em língua portuguesa, no que se refere à escrita de forma bem

estruturada, sem erros sintáticos e com pontuação e ortografia corretas. Os restantes 5% ponderam sobre as competências socio - afetivas no que respeita ao empenho, se realiza os trabalhos propostos e de pesquisa, se respeita os prazos de conclusão das tarefas e se organiza os dados fornecidos nas aulas; a autonomia, se colabora nas atividades das aulas, se assume a responsabilidade pelos seus atos, se é capaz de se autocorrigir, e se expressa com cuidado o seu pensamento; a responsabilidade, se aceita diferentes formas de pensar, se solicita o uso da palavra, se respeita quem está no uso da palavra e se é correto na relação com os outros; o comportamento, se é assíduo, se é pontual e se tem os materiais exigidos para a disciplina. Em suma a avaliação das competências globais e, ou os seus critérios de evidenciação são avaliados em três instrumentos, os testes escritos, as tarefas e os trabalhos e as fichas de competências socio - afetivas como seja a participação e o comportamento na realização dos trabalhos da disciplina e em sala de aula.

No geral, a distribuição dos pontos nas perguntas elaboradas para os testes quer da turma do 10.º A1E1 quer do 11.º H1 era para o grupo I 5 pontos a cada resposta correta, para o grupo II 10 pontos e para o III e IV grupo, entre os 15 e 30 pontos. A soma de todas as respostas corretas totalizava 200 pontos o que viria a corresponder no quadro da classificação final a 20 valores.

## **PROBLEMAS IDENTIFICADOS**

A conclusão do mestrado em Ensino da Filosofia no Secundário é feita com a apresentação do presente relatório no qual está descrito o desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e durante a qual o professor estagiário, deverá estar atento a toda dinâmica que envolve a vida de um professor em comunidade escolar, a fim de perceber que desafios existem e que possam contribuir para o sucesso da educação. Este olhar crítico, sob o qual como professor estagiário me fui integrando na escola, permitiu desde início tentar perceber junto dos alunos quais eram as suas ambições, qual o gosto por estudar e estar na escola, quais os seus fascínios e opiniões acerca do método de ensino, as suas sugestões, os seus receios para o futuro, entre outras questões do mesmo género com o objetivo único de tentar perceber que valores fazem parte do seu crescimento e desenvolvimento pessoal.



O primeiro impacto que se faz notar logo de imediato quando se entra na sala de aula pelas primeiras vezes é a relação que cada aluno tem com o seu telemóvel. Este objeto comum nas vidas do nosso dia-a-dia revela-se nas mãos dos jovens alunos como um instrumento de alta importância e de poder. Apercebemo-nos de imediato a sensibilidade e a dependência exercida sobre o telemóvel por parte dos alunos. Além de nos apercebermos também durante todo o ano letivo das chamadas de atenção por parte do professor para a proibição do uso dele em sala de aula, pelo menos aquando do decorrer da aula na leção dos conteúdos, consegue-se verificar que este instrumento é supervalorizado pelos alunos. Claro que ele poderá servir como recurso positivo se for utilizado para ajudar os alunos na compreensão da matéria dada, como seja o caso de poderem aceder a pequenos conteúdos na internet, imagens e fotografias, pequenos vídeos etc. O facto é que para além disso ele está sempre presente na secretária de cada aluno e serve inevitavelmente como fator de distração. Poder-se-ia depreender daqui que os alunos saem prejudicados com tal distração, o que na realidade se verifica efetivamente. O que me interessou não foi propriamente recair sobre este problema, completamente comum em todas as salas de aula, mas sim tentar perceber de que forma ingénua ou não, o telemóvel e todo um conjunto de aparelhos que permitem aos alunos aceder à informação on line através da internet, lhes trás poder ou uma aparente segurança de terem o conhecimento de que necessitam sempre disponível. Por sua vez este comportamento levou-me à questão sobre os valores. O que valorizam estes alunos e que valores os determinam?

Entre as várias chamadas de atenção para o uso do telemóvel em sala de aula uma das que me tornou mais alerta para esta nova realidade foi quando a um dos alunos o professor lhe dá a opção de por de lado o telemóvel durante a aula ou ir para a rua, o qual preferiu sair e perder a aula em vez de ficar sem telemóvel. Este é um problema bem presente nas discussões das reuniões do Conselho de Turma e com o qual os professores vão convivendo e insistindo sempre nas chamadas de atenção a fim de que os alunos tirem o máximo proveito das aulas uma vez que têm à sua frente um professor disponível para ensinar. Outra questão que poderá surgir e sempre no mesmo âmbito daquilo que se poderá definir como valores é, - Estarão as novas gerações tão seguras daquilo que o mundo virtual lhes poderá fornecer que subestimem a educação na escola? Ou seja tende a ter mais valor o que se impõe de forma rápida e gratuita mesmo que de forma impessoal em vez da relação de aquisição de aprendizagens segundo um

modelo escolar, professor aluno? Poderia dar impressão sob esta perspectiva que o papel do professor estaria sujeito à função de simples orientador.

Nos nossos dias o recurso às novas tecnologias e à informação disponível na internet permite-nos de forma rápida e cómoda responder às questões ou dificuldades que se relacionem com qualquer tipo de trabalho que nos predispúnhamos a fazer. Acedemos a um conjunto de informações que nos podem ser úteis e que no caso dos estudantes ganha bastante valor uma vez que o que realmente interessa é dispor dessa informação para transforma-la num aparente conhecimento que se submete a uma avaliação. Nunca foi tão fácil obter os recursos necessários para as atividades de resposta às aprendizagens exigidas na escola. No entanto verifica-se que esta facilidade não faz de todo com que os alunos surpreendam pela positiva nos resultados das notas finais. Como já vimos nos critérios de avaliação existem outras competências que estão sujeitas a avaliação e que não dependem de forma alguma de um banco de dados mas sim do conjunto de fatores que influenciam a educação individual e em conjunto dos alunos.

Esta observação ao problema que aqui se descreve é simplesmente feita com base no comportamento demonstrado pelos alunos das duas turmas que foram acompanhadas como professor estagiário, o 10ºA1E1 e o 11ºH1 e das duas turmas a que assisti 25% das aulas o 10º H1 e o 11º E1, as quais foram seguidas pelo meu colega de estágio também na disciplina de Filosofia. O mesmo problema repete-se em todas as turmas, existe uma dependência muito forte com o dispositivo que põe o aluno em contato com uma realidade que faz parte da escola mas que também esta fora dela. Não se pretende aqui identificar os problemas do bom ou mau uso das novas tecnologias e o acesso livre a todo o tipo de informação porque apesar de haver controlo dos acessos a conteúdos específicos não é de todo ainda possível conduzir esse comportamento. Interessa mais perceber de que forma a realidade destas gerações assegura uma consciência de valores e que tipo de valores são esses.

Com as atividades que se realizaram ao longo do ano letivo nomeadamente os debates pode-se verificar que existe nos alunos o espírito crítico e mais nos assuntos relacionados com a humanidade. Pudemos verificar isto por exemplo nos debates sobre os refugiados da Síria em que o empenho e a motivação foram excecionais. Também no debate sobre os direitos humanos com temas sobre o direito à vida, à saúde, à escola, ao trabalho, foi igualmente notória a participação com argumentos bem claros sobre a

posição dos jovens alunos. Talvez mais do que nunca os jovens têm consciência do que se passa no mundo, uma vez que através dos feeds, das redes sociais e de todo um conjunto de informações disponíveis a qualquer hora sobre todos e tudo, faz com que formem opiniões acerca de diversos assuntos. Mas até que ponto toda a informação não servirá só para isso mesmo, para se tornar uma informação banal que serve apenas para criar opiniões aparentemente próprias e que servem para os indivíduos se afirmarem quando solicitada a sua presença no mundo. Como podem tantos alunos, apesar desta referência se basear numa amostra pequena, não saberem ao certo o que querem fazer das suas vidas, a dois passos de terminarem o secundário e ingressarem ou na vida académica ou na vida profissional que determinará os seus futuros. É por este conjunto de indicadores apercebido durante a experiência como professor estagiário que surge o interesse de tentar perceber os valores e as preferências que conduzem os alunos e a escola.

Pretende-se com a análise que se segue tentar compreender o que envolve o conceito “valores”, estabelecer a ponte para a realidade escolar vivida no estágio com os alunos de Filosofia e os valores pelos quais se definem, para a partir daqui sugerir métodos ou formas da escola assegurar o cumprimento dos seus objetivos na formação de indivíduos como pessoas e para a cidadania.

## **DEFINIÇÃO DO PROBLEMA**

A palavra valor vem do latim *valor, -oris*<sup>8</sup> e é um substantivo masculino que pode significar 1) o que vale uma coisa ou uma pessoa, 2) preço elevado, 3) merecimento, talento, reputação, 4) coragem, valentia.

Existem diversos contextos onde se pode falar de valores como sejam políticos, éticos, morais, estéticos, ecológicos, vitais, espirituais, económicos religiosos, etc. “Valor é uma qualidade que confere às coisas, aos feitos ou às pessoas uma estimativa, seja ela positiva ou negativa. A axiologia é o ramo da filosofia que estuda a natureza e a essência do valor. Para o idealismo objetivo, o valor encontra-se fora das pessoas; para o idealismo subjetivo, em contrapartida, o valor encontra-se na consciência (isto é, na subjetividade das pessoas que fazem uso do valor). Para a corrente filosófica do materialismo, a natureza do valor reside na capacidade do ser humano em valorizar o

---

<sup>8</sup> <https://www.priberam.pt/DLPO/valor>

mundo de forma objetiva. Por outro lado, os valores são características morais inerentes à pessoa, como a humildade, a responsabilidade, a piedade e a solidariedade.”<sup>9</sup>

Como podemos ver pelas definições em cima descritas sobre o conceito de valor ele pode estar ligado a vários ramos sob várias perspectivas. Seja do ponto de vista da moral no sentido das regras a que se devem submeter as ações humanas ou seja no campo da ética em que se irá refletir e questionar o bem, o mal e o valor das ações, este conceito será sempre alvo de uma reflexão atualizada. Iremos tentar explorar as formas que poderão assumir o seu significado e o que pode representar o valor que é atribuído à escola e o valor que ela deverá assumir para aqueles que dela participam. Por outro lado, também parece existir um acordo comum entre os alunos em que a escola é fundamental e que tem valor nas suas vidas, mais que não seja para lhes oferecer no mínimo uma visão consciente da complexidade e seriedade com que se desenvolve a vida humana. É neste âmbito que se insere a questão principal que aqui se quer tratar, o fato de uma educação paralela ligada ao acesso ilimitado de informação ganhar poder e iludir os pretextos da educação escolar na formação dos seus intervenientes, isto é, no caso dos alunos, o recurso virtual além de uma ferramenta logicamente indispensável ela parece ganhar terreno numa hierarquia de valores. Ganhou de tal forma valor o recurso ao mundo virtual que se tornou uma necessidade em vários aspetos servindo mesmo como espaço preferencial de interligações, mesmo que impessoais. O mundo virtual representa assim uma série de características que se impõem pela sua forte concorrência, pelo plano social, económico, estético, mediático, político etc. Torna-se assim num mundo preferencial, onde a concretização e realização de qualquer ser humano que a ele consiga aceder expressa aí a sua ação valorativa tornando a virtualidade o campo efetivo dessa vontade de ação.

O sentido desta pequena investigação sobre o conceito de “valores” será para encontrar uma definição que decorra quer de juízos de facto quer de juízos de valor quer seja de ordem material e económica quer seja de ordem espiritual e ética. Acima de tudo interessará perceber se a escola e a educação é assumida como lugar onde o conceito de “valor(es)” ganha uma consciência intencional na formação e orientação dos indivíduos em contrapartida com o mundo da internet. A formação escolar também educa os indivíduos para que criticamente saibam se os seus valores decorrem da simples necessidade de algo ou se decorrem de um desejo consciente e intencional. Neste ponto

---

<sup>9</sup> <http://conceito.de/valor>

poder-se á já dizer que segundo o ponto de vista de alguns alunos a escola perde a importância e é desmotivante, seja porque algumas disciplinas seriam dispensáveis ou seja porque não estão decididos acerca das suas carreiras. Ganha então valor a necessidade no sentido em que para alguns alunos a escola é desinteressante mas o mundo virtual compensa com uma espécie de auto - formação do indivíduo, ou seja o acesso a outros conteúdos preenchem a necessidade e a motivação para o desenvolvimento de si. Torna-se assim uma tarefa mais difícil para os educadores uma vez que é necessário advertir para uma orientação consciente dos fins a que levam esse tipo de auto - formação. É importante não se perder uma consciência crítica acerca daquilo que influencia a formação dos indivíduos e a escola deverá assumir o papel fundamental na construção dessa consciência para que a definição do conceito de “valor(es)” se desenvolva sempre num projeto educativo que salvaguarda a identidade e integridade de cada indivíduo num todo.

## VALORES

Existe desde sempre um instinto próprio do ser humano para se afirmar quer seja pela difusão dos seus genes quer seja pela consciência moral que deve orientar as suas ações. Na obra do sociólogo Francesco Alberoni<sup>10</sup> (2010) sobre os valores, está posta em questão a forma como nos tempos modernos são guiadas as nossas ações. *“Os pobres de espírito, os mansos, os bons, os puros de coração, aqueles que não defendem com unhas e dentes os seu território em sua prol combatendo contra o inimigo, os que não o aniquilam quando é perigoso (...) estes estão em desvantagem na luta pela vida.”*<sup>11</sup>. Toda a história da humanidade demonstra como a sua sobrevivência foi feita de lutas em competição pelo vigor de normas que orientassem a vida segundo os melhores ou mais adequados valores. Estes mesmos ganham diferentes significados e hierarquias no contexto onde se desenvolvem. *“Sentimo-nos levados a pensar que existem virtudes nobres e homens bons. Seguindo Kant (...) a moral deve emanar de princípios que nós queremos erguer como norma universal”*<sup>12</sup>. Nos dias de hoje e talvez mais do que nunca procuram-se estabelecer valores que contribuam para a paz e a solidariedade entre os povos. Os problemas de cada povo já não dizem respeito só a si próprios. A

---

<sup>10</sup> Sociólogo Italiano.

<sup>11</sup> Alberoni, F. (2010). *Valores*. Editorial Gedisa, Barcelona, p. 13.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 15.

hierarquia de valores que cada sujeito e nação estabelecem para si, tendem a ser fundamentados em critérios universais valorativos que se estabelecem segundo uma consciência global. A responsabilidade, o respeito, a solidariedade, a fraternidade, o entendimento, a amizade, o amor e paz assumem-se como valores transversais sobre os quais todos os seres humanos deveriam concordar para se definirem como ações valorativas prioritárias na defesa dos direitos humanos. Todos os dias nos chegamos notícias de todo o mundo e dos problemas que se vivem. A força com que toda a informação nos chega não nos deixa indiferentes a uma série de injustiças que se praticam pelo mundo fora. Este sentimento global e de cada um, prova que a consciência moral desafia o ser humano a estabelecer prioridades na sua hierarquia de valores e de alguma forma a concretiza-los em ações que se fazem valer pela aprovação do outro. Em jogo poderão estar vários sentimentos ao mesmo tempo, altruístas e individualistas, de solidariedade e egocentristas, próprios de uma sociedade em desenvolvimento que além de se definir por uma quantidade imensa de valores materiais e económicos, define-se também por uma necessidade imensa de se salvar a si mesma tentando responder a problemas de várias ordens. Neste sentido os valores pelos quais se vão definindo os sujeitos de uma sociedade em comum e os critérios que os fundamentam vão-se alterando. Uns desaparecem totalmente e outros novos surgem na medida em que se tentam adaptar à realidade que os exige, seja ela sob símbolo político, científico, religioso, artístico, económico e inclusive educativo. Na perspectiva sociológica de Francesco Alberoni *“É lenta a adaptação, quase inconsciente à mudança social. Primeiro resistimos aos novos valores, logo, como continuamos a repetir-lhes sucessivamente a televisão e os jornais fazemos deles nossos, até nos convencermos que aquilo que pensamos agora foi o que pensamos sempre”*<sup>13</sup>. Nos dias de hoje a profusão de *feeds* e partilha de informação nomeadamente na internet, acessível a partir de um inúmero conjunto de dispositivos como telemóveis, tablets, computadores, transforma os nossos pensamentos, a nossa sensibilidade e modo como estamos no mundo. De forma imediata estes sentimentos poderão reagir em confronto com os valores próprios de cada sujeito, que na privacidade do uso do seu dispositivo descobre e expõe-se a novas experiências valorativas de outros diferentes sujeitos. O espaço comum e sem fronteiras da internet possibilita a reinterpretção dos próprios valores caso não se perceba a diferença dos espaços vividos entre correspondentes on line.

---

<sup>13</sup> Ibidem. pp. 82-83.

Deste ponto vista pode-se considerar uma problemática na medida em que ao reinterpretar os valores que me guiam na minha sociedade e adotando outros que se me impõem sem uma necessária reflexão, eles poderão criar um sujeito desenquadrado do seu mundo e desenvolver ações fundamentadas em critérios desajustados.

## AS PREFERÊNCIAS

De forma geral consegue-se perceber que o mundo da internet possibilitou um espaço preferencial de expressão de sentimentos e valores pessoais a vários níveis. Acabou por tornar-se um recurso habitual que todos nós usufruímos quer seja por trabalho ou lazer. O facto é que a participação e a preferência generalizada pelo mundo virtual foi ganhando cada vez mais adeptos e ao mesmo tempo que seduzia para um mundo novo surgiam inevitavelmente novas questões da ordem dos valores. Por exemplo nos cenários de convivência social e nomeadamente em casa das famílias começou-se a fazer notar um isolamento na medida em que a atenção fica maioritariamente dirigida para a participação virtual. A realidade virtual ganha sucesso e popularidade a todos os níveis pois trata-se de um mundo que acede ao mundo a partir das nossas mãos nos nossos objetos pessoais e em qualquer lugar. Trata-se de uma comodidade que nos faz sentir através de pequenos toques e “click’s” o poder da participação e da manifestação do ser humano na aparente realização de si próprio, quer seja em redes sociais, salas de chat, publicações ou comentários publicados em vários contextos e grupos de gostos comuns. De repente parece que toda a humanidade ganhou vida no outro lado do ecrã deixando simplesmente que o seu corpo deambule pelas ruas e pela rotina do dia-a-dia. Casulo (2011), citando Manuel Patrício explica do seguinte modo o conceito de preferência, “*A superioridade de um valor só se conhece, pois, - só se dá -, no acto de preferir. Preferir não é, portanto, reconhecer a superioridade de um valor, mas verdadeiramente constituí-la. Preferir não é. E ainda não é escolher. A escolha vem depois da preferência, na qual se funda*”<sup>14</sup>. Assim o mundo virtual foi ganhando também valor, pela sucessiva preferência que se tornou numa escolha. Esta escolha poder-se á dizer que terá muito mais de ingénua do que de uma preferência crítica e consciente sobre os resultados que dela podem resultar. O recurso comum e a

---

<sup>14</sup> Patrício, M. (1993, p. 254) citado por Casulo, JC.(2011). *Contributo Para o Estudo da Axiologia Educacional de Manuel Ferreira Patrício*. Ed. Estratégias Criativas, Marânus. p. 17.

participação em diversos tipos de contextos disponíveis na realidade on line, permite que os indivíduos expressem o valor das suas atitudes e isto por sua vez reforça o comportamento de acesso livre e necessário, a um mundo onde a sua auto-estima e o poder livre de participação é reforçado. Até certo ponto é positivo que exista um espaço onde os sujeitos se dêem a conhecer, a questão será problemática se essa realidade só corresponder a uma atitude de simples recurso fácil e sem expressão efetiva no mundo efetivo, que seja fora da virtualidade. É inevitavelmente necessário que o sujeito prefira o mundo vivido pois é nele que se revela como ser no mundo. Ganha terreno a preferência pela presença do outro lado do ecrã, uma vez que o sujeito se passa a constituir aí. Por outro lado vai-se perdendo a expressão e participação direta no mundo das relações humanas e sociais, nas relações pessoais e compromissos do dia-a-dia. Os valores assumem-se em contextos pouco significativos para o seu próprio e normal desenvolvimento ganhando significado virtual e perdendo experiência valorativa.

### **VALOR, SER E ESTAR.**

Apesar de não existir uma definição concreta e consensual para a palavra valor podemos dizer que se trata daquilo que existindo em cada sujeito guia as suas ações. Valor está relacionado com aquilo a que damos preferência, segundo uma necessidade interior ou exterior ao sujeito, no momento em que nos comprometemos com algo, na expectativa de comprovar uma realização valorativa. Esta realização valorativa ou valoração assume, dependendo de critérios, pessoais, coletivos ou universais, uma posição perante o mundo, sendo neste preciso momento que a afirmação do sujeito enquanto ser - no-mundo se afirma.

O sujeito tem uma necessidade intrínseca de comprovar a sua experiência valorativa e de se submeter a processos de valoração que o dignifiquem como pessoa e ser humano. Seja por grandes ações de solidariedade, de envolvimento profissional, ou pequenas ações do dia-a-dia que expressem as suas virtudes, comprovadas pelo consentimento ou aprovação do outro. Neste ponto até se pode considerar fundamental a conexão à rede virtual uma vez que põe em contato de forma imediata todos os agentes com as mesmas pretensões. É também fundamental entre outros fatores por permitir a revelação da intenção das ações. Mas será necessário haver um olhar crítico sob as formas de realização das ações valorativas, elas serão verdadeiramente dignas e reais se não se limitarem a um espaço de repositório de boas intenções. Só comprovando a experiência



valorativa que se crê necessária para a resolução de diferentes obstáculos no desenvolvimento e evolução do ser humano como ser de valores, é que se marca a história da luta pela sobrevivência. Terá de haver necessariamente uma participação efetiva que comprove o valor das ações, não poderá o ser humano definir-se como tal, independentemente da ordem dos seus critérios valorativos, se não se colocar em concreto numa participação ativa. O facto de preencher o seu ego ao expressar os seus gostos e formas de pensar, num espaço que apesar de global se resume a uma ferramenta virtual, não faz com que haja verdadeiramente uma realização valorativa uma vez que carece da experiência real. Poderíamos desta forma aceder a um contexto qualquer disponível na internet e com o qual fosse permitindo trocar impressões que pretendessem afirmar sentimentos, intenções e valores e que perderiam todo o sentido caso se tratasse de algum tipo de programa inventado para dar respostas do tipo automáticas. Estar na rede virtual não permite nem substitui a forma indispensável do ser no mundo. Ela poderá simplesmente ser mais um objeto com o qual o sujeito se relaciona na procura da efetivação da sua valoração, no qual ele somente está. A rede virtual pode sim servir como mais uma prova de que existe uma forte necessidade do sujeito revelar o desejo intencional de se afirmar como ser de valores a todos os níveis, mas ela não permite que haja uma evolução dessa realização de si uma vez que limita a experiência do valor.

Segundo Jean-Paul Resweber (2002) na sua obra sobre a Filosofia dos Valores “... os valores são os símbolos de tarefas abertas a um crescimento indefinido: inscrições de um ideal inesgotável”<sup>15</sup>. Neste contexto o autor diz-nos que o valor, como poderá ser por exemplo o bem, é um símbolo pelo qual determinamos e assumimos um compromisso que se traduz nas nossas valorações. No entanto esse ideal, neste caso o bem, transforma-se e assume significados diferentes permitindo que aquilo que valorizamos possa ser avaliado e posto em questão. Ora, de forma hipotética caso se assuma a rede virtual como lugar ideal de afirmação dos sujeitos ela será tida como um valor de bem e uma necessidade dessa mesma afirmação que se faz através ou do simples visionamento ou da simples menção da nossa pessoa. A meu ver desta forma a expressão do sujeito revelada de forma impessoal, além de mascarar o verdadeiro sujeito faz com que os valores pelos quais se afirma deixem de ser as tais tarefas abertas e se transformem em expressões repetitivas, impedindo o seu crescimento.

---

<sup>15</sup> Resweber, Jean-Paul. (2002), *A Filosofia dos Valores*. Almedina, Coimbra. p. 16.

Na senda do cogito cartesiano, nada se dá como garantido apenas que existe um ser pensante que duvida. É também neste sentido que podemos dizer que os valores que guiam as ações humanas podem evoluir, uma vez que há uma necessidade constante de duvidar e de sair desta dúvida ao mesmo tempo. O ser pensante existe e a sua existência define-se por aquilo que procura saber e conhecer. O ser humano é então uma construção de si mesmo de forma incerta e por isso terá de estar aberto a valores que pela sua ação valorativa ao longo dos tempos se confirmem como certos da sua existência. Por exemplo, para Kant deverá haver uma lei que determina o sentido das suas ações e esta derivará da exigência prática da razão a qual é impulsionada pelo desejo consciente e racional que se transforma numa necessidade de viver segundo experiências morais. De qualquer das formas a ideia de valor estabelece e constrói a relação do ser humano com o mundo que o rodeia, seja ela uma participação no ser ou seja um ideal que se constrói com esquemas lógicos. A história mostra-nos como a importância e a hierarquia dos valores se altera em função da experiência vivida. Não seria justo pensarmos nos dias de hoje, em que a história acontece também todos os dias, que estamos efetivamente conscientes dos nossos valores uma vez que há tendência para nos isolarmos num ecrã onde depositamos uma imagem do nosso ser mas que pode não corresponder ao real. Não por se querer propositadamente dar uma imagem ideal daquilo que podemos não ser, isso seria outro tema daqui derivado, mas por de forma inconsciente nos contentarmos com a nossa inscrição ou manifestação virtual, visível a todo o mundo que a ela aceda. A rede virtual servirá obviamente para divulgar ações valorativas realizadas em concreto e para partilhar toda uma série de informação mas o seu recurso será fútil para a realização do ser humano se, se limitar a ser alvo de consumo constantemente.

Pode acontecer que o ser humano, enquanto ser de valores que se comprovam pelas suas ações esteja a transferir esse desejo ou a vê-lo aparentemente correspondido numa vivência virtual. Poder-se ia concluir que em vez da experiência valorativa do sujeito se compreender enquanto ser no mundo que se mostra e se revela em ações vividas e partilhadas, ela poderá simplesmente correr o risco de ser projetada num lugar que em vez de Ser ela Está. Assim cada sujeito não se definirá como ser de valores espirituais, morais, éticos, políticos, económicos, sociais, etc, que se realizam na sua participação direta nas relações humanas. O sujeito pessoa humana estará lá numa página, sítio ou

rede social da internet mas não o é efetivamente caso abdique do esforço de se compreender na vida real.

## **CONSUMO DO VIRTUAL**

A participação em diferentes atividades, que cada sujeito pretenda integrar, pode ser facilitada através da internet. A internet é positiva quando serve objetivos que se demonstram na execução de ações valorativas. No entanto face a uma realidade hoje vivida de índole técnico-económico-industrialo-capitalista na nossa civilização, é também na internet que se dispõe de todo um mundo que acompanha o par produção/consumo. A este tipo de consumo associa-se o desejo e a necessidade imposta por um desenvolvimento que se caracteriza pelo lucro. Não interessa neste ponto desenvolver todos os aspetos ligados à alienação do consumidor com os diversos mercados de que dispõe. Interessa aqui perceber de que forma o mundo virtual é também alvo de consumo e oferece novos produtos de consumo.

Consumir parece ser uma palavra de ordem, para que as ditas civilizações modernas possam continuar a subsistir. Temos falado aqui sobre a dimensão que os valores ganham ou perdem através de um comportamento que usa as redes virtuais e independentemente disso, podemos já referir neste contexto, à inúmera produção de equipamentos a que este desejo, ou necessidade consciente ou inconsciente levou. O uso de telemóvel tornou-se como que num status que discrimina de alguma maneira aqueles que por algum motivo não o possuem. Nomeadamente entre as camadas mais jovens sente-se como a necessidade de ter, quer por razões de aparência quer por razões de estar ligado, termo este que designa o estar em rede. Isto advém de uma realidade vivida que se impõe e que confere uma espécie de sentir-se normal.

Primeiramente já surge entre outras necessidades de consumo a de ter algum dispositivo que nos permita continuar a consumir o que está na internet. Consome-se então tudo o que possa estar disponível e mesmo que se procure algo específico não existem regras para se poder navegar na internet. Assim a internet também se apresenta entre outros como um dos produtos mais cobiçados por oferecer novos prazeres, novas satisfações e sensações. Confere ao consumidor autonomia para ir onde quiser mesmo sem sair do seu lugar, fomentando ao mesmo tempo sujeitos individualistas que satisfazem de forma impessoal as necessidades ou exigências da sua auto-estima e do seu ego. A viagem é

segura pelo menos no que toca a danos físicos, o que de certa forma incita à coragem de explorar todo o tipo de curiosidades.

Na obra “A Via Para o Futuro da Humanidade”<sup>16</sup> o autor faz um diagnóstico dos problemas da atualidade e que estão implicados em todas as áreas da rede social das civilizações modernas. Além das críticas sugere soluções em termos de reformas para que o futuro da humanidade possa recuperar os seus valores mais dignos e que a caracterizam como tal. No que se refere ao consumo Edgar Morin (2016) não deixa de salientar como as sociedades, nomeadamente as ocidentais, estão a favorecer sujeitos individualistas cada vez mais dependentes dessa necessidade. Segundo o autor “ *O indivíduo é subjugado pelo consumismo, que o submete mais à sua dependência do que se põe ao seu serviço.*”<sup>17</sup>. Nos mesmos moldes todo o cenário e importância que os indivíduos depositam no mundo virtual subjugam-os a uma dependência constante para esse consumo, pois é lá que eles estão com os seus sentimentos e expressões dos seus valores. De acesso fácil torna-se uma tentação passar grande parte do tempo dando atenção às necessidades do ego que se alimenta num sítio virtual mas sério, por se tratar de relações humanas embora que virtuais. Aqui todos são consumidores do mesmo e todos confirmam a sua dependência do mesmo produto. Assim é mais fácil ignorar as exigências de uma consciência crítica que no fundo sabe que as suas realizações pessoais e humanas dependem do ser no mundo e não simplesmente do estar no mundo ou mesmo por detrás deste. Ilude-se desta forma o compromisso do ser humano no mundo real, apoiando-se valores materiais e económicos em troca do consumo de uma invenção que dá uma resposta virtual a esse mesmo compromisso.

Fica o compromisso de um sujeito, que se define e realiza por valorações, limitado a uma auto-afirmação egocêntrica, em que o seu eu, se sobrepõe aos outros que se mostram de forma impessoal num jogo de relações virtuais. Poder-se á correr o risco mesmo que de forma inconsciente que cada sujeito passe a conceder prioridade a si próprio em relação a outras pessoas ou ações valorativas. Desta forma os critérios valorativos que se deveriam construir e desenvolver em prol da força da sobrevivência pela qual se definem os seres humanos em comunidade passam a idealizar-se de forma individual completamente destituídos da realidade. A relação que se cria com um dispositivo onde são depositados todo o tipo de “marcas” que caracterizam a expressão

---

<sup>16</sup> Obra do autor Edgar Morin onde tenta responder à questão: será que estamos a caminhar para uma cadeia de desastres?

<sup>17</sup> Morin, E, (2016) *A Via Para o Futuro da Humanidade*, Ed. Piaget, Lisboa, p. 249.

do ser humano ilude a uma relação aparentemente pessoal e social. Se se limitar a um ecrã, será apenas uma relação individualista. Hoje em dia é grande a entrega ao produto internet e aos dispositivos que a ela permitem aceder por parte dos consumidores. A dimensão deste produto cresceu pela procura em massa e depressa deixou de ser simplesmente um produto para os consumidores.

Face ao consumo do virtual acontece, claro também por outros fatores inerentes a uma sociedade de consumo, que no quotidiano poderemos ser pouco compreensivos para com o outro. Este tipo de moral, aquela que também nos define, ou que seja pela sua força própria e interior, a que nos revela e carateiza a partir de ações altruístas, de amizade, de fraternidade e entre outras que só têm significado de valor na relação com os outros, pode perfeitamente ser compensada de forma impessoal e virtual. Desta forma não poderá ter o mesmo valor uma vez que apenas um sujeito individual julga compensar os seus valores morais contradizendo a verdadeira natureza desses valores humanos. Edgar Morin (2016) no seu capítulo sobre “A Via da Reforma Moral” fala-nos sobre um universalismo moral destituído do significado de virtude e apela para um caminho de restituição dos nossos valores morais a partir de um estímulo que se inicia com um autoexame e uma autocrítica permanente para a compreensão do outro, “... *ao mesmo tempo, qualquer sujeito encerra em si um princípio de inclusão num «nós» que o incita a integrar-se numa relação comunitária e amorosa com outrem, com os «nossos» (família, amigos, pátria), e que aparece, desde o nascimento, na necessidade vital de vinculação do recém-nascido.*”<sup>18</sup> A vinculação com o próximo e com todos contribui para o desenvolvimento daquilo que nos define como seres humanos. Segundo este autor terá de haver uma reflexão sobre o que nos caracteriza e o que somos em virtude de não se criarem conceitos abstratos sobre valores morais. Aqui sim, os dispositivos e o mundo da internet poderão também servir como recurso para apelar à consciencialização para a necessidade deste autoexame e desta autocrítica. O produto que se alimenta de sujeitos que se tornam individualistas à sua custa e que vão assumindo critérios valorativos com base na relação que estabelecem com o mundo virtual, pode servir para advertir para esta situação. Uma vez que a internet é acima de muitas outras coisas um meio rápido e imediato de comunicação, ela será o recurso ideal para se fazer chegar aos olhos dos seus consumidores a necessidade de eles voltarem ao mundo real e consciencializarem-se da importância para se cultivarem

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 289.

valores que dependam e se desenvolvam a partir das relações humanas. Relações estas que ao contrário de realizarem sujeitos distantes do quotidiano, envolvem todos os problemas e soluções que cada família, cada povo, cada nação e todo o mundo, que com as suas diferenças vão descobrindo, valores comuns, universais e transversais a toda a história e toda a cultura. Assim deste ponto de vista podemos depreender que é na educação dessas relações que também se contribui para a reflexão e consciencialização dos valores fundamentais. A família e a escola será ainda o “produto” por excelência para que os “consumidores” de uma comunidade ou sociedade se realizem enquanto seres conscientes de si próprios e daquilo que os rodeia.

## O VALOR ESCOLA

A escola como instituição ainda hoje oferece aquilo a que desde sempre se comprometeu, o ensinar. Este ensinar não pretende de alguma forma substituir aquela educação permanente que cabe aos pais e à família. Aos pais cabe a função essencial de formar os sentimentos e esta é a única instituição capaz na medida em que é responsável pelo crescimento dos seus preenchendo-os de afeição. A educação escolar desde a primária até ao último ano no secundário pretende acompanhar o crescimento e desenvolvimento dos jovens facultando-lhes um tipo de conhecimento que lhes servirá a longo prazo para guiarem as suas vidas na sociedade e no mundo que os rodeia. Este conhecimento traduz-se num saber escolar que servirá para a experiência da vida e além disso ensina valores que de um modo específico não se encontram na família nem no mundo do trabalho nem tão pouco em qualquer produto em modo de consumo individual de forma virtual: a igualdade, a justiça, o esforço, o espírito crítico e ainda a multiculturalidade e a intersubjetividade. Na sua obra “A Filosofia da Educação” Reboul, (2000) fala-nos de como a educação nomeadamente na sociedade ocidental deve privilegiar e considerar no seu ensino como valores superiores o espírito crítico e o pensamento pessoal. Estes valores devem ser pensados pedagogicamente na relação e compromisso que existe em formar sujeitos cidadãos que ajudam a desenvolver e a definir o rumo de um regime democrático. Segundo este autor o saber escolar pode ser caracterizado em cinco saberes; “... a longo prazo (...) saberes para mais tarde, se orientar na vida (...) saberes organizados, que se encadeiam de modo lógico (...) saberes adaptados, postos pela didáctica (...) é um saber comprovado (...) saberes argumentados (...) justificar e argumentar (...) saberes desinteressados (...) sem

*finalidade profissional (...) no imediato.*”<sup>19</sup>. Deste modo só frequentando a escola será possível aprender estes valores assim como eles só se concretizarão como ensino se ela for frequentada. Este tipo de valores não estão lá, na instituição ou num determinado sítio, eles só serão prova deles mesmo na rede dinâmica e criativa que se vai constituindo em comunidade escolar. A escola deve ganhar a aprovação consciente por parte de quem nela participa, não só os alunos mas toda a comunidade. Os valores que nela se praticam não devem parecer abstratos mas sim alvo constante de interação, com eles de variadas formas. A escola será lugar de preferência quando ela se constituir como desejo consciente daquilo que os alunos anseiam para a sua vida escolar. Isto não quer dizer que se dê lugar unicamente às suas vontades particulares mas que se criem dinâmicas perceptíveis com a vida em geral e principalmente com a realidade com que os jovens se encerram sem dela terem consciência. Se se cataloga a escola como aborrecida muitas vezes esse sentimento é compensado pela livre relação com os ecrãs e a internet. A cada tempo que passa a sociedade e o seu desenvolvimento desafia a educação e a escola a preparar os seus estudantes para a experiência de vida e a transformarem, a partir de reflexão crítica e consciente com valores dignos de uma espécie única e capaz de pensar os seus atos.

Uma outra causa que pode provar o valor da escola é descrita por Reboul quando ao justificar a necessidade desta tenta responder de forma crítica à posição radical de recusa assumida pelo filósofo e crítico social Ivan Illich. Mencionaremos aqui apenas a contraposição que defende a escolaridade obrigatória. Reboul contra argumenta dizendo que se não houvesse essa obrigatoriedade estaria em causa a proteção das crianças e facilmente poderiam ser manipuladas e exploradas sendo assim utilizadas como um meio, enquanto na escola, aquilo que o aluno faz é para ele. O valor escola incide sobre os saberes já aqui mencionados e estes formam e educam num ambiente que tem lugar próprio. Se bem que hoje em dia voltamos a falar sobre a proteção dos alunos ou dos jovens que são alvo de diversos conteúdos a que se acedem quase de forma instantânea no mudo virtual. Está em causa a formação dos pensamentos dos alunos, na medida em que se houver uma boa base estruturada na escola, proporcionada por métodos e conteúdos adequados ao ensino/aprendizagem, mais facilmente saberão como gerir as suas opções, o que como consequência se irá refletir no seu desenvolvimento moral e nas suas valorações. Se a escola assume também a função de

---

<sup>19</sup> Reboul O,(2000) *A Filosofia da Educação*, Edições 70, LDA. Lisboa, pp. 34-35.

proteger, formando e preparando sujeitos conscientes de si, então o seu valor é agora ainda mais importante porque o seu desafio é posto à prova pelos produtos inovadores que trespassam todos os muros. Estes novos produtos podem ter tanto de positivo como de negativo e só a consciência de cada um será livre da melhor opção. O autor no seguimento desta crítica fala-nos ainda de um “terceiro meio educativo” e do qual a escola não se pode abstrair porque faz parte dos recursos e valores que ela própria ensina. Trata-se do meio cultural que envolve as exposições, os museus, as associações e todos os movimentos que façam prova dos significados valorativos pelos quais se desenvolve e constrói a humanidade. Neste terceiro meio educativo estará nos dias de hoje incluído toda a oferta do mundo virtual e muitas vezes confunde-se com o segundo e até aparentemente com o primeiro meio educativo. É muito comum vermos os jovens pais a utilizarem como recurso os programas infantis para prenderem a atenção dos seus bebés e assim conseguirem tranquilamente fazê-los comer sem grandes choros. O mundo virtual é com certeza um meio educativo e que de forma segura e consciente serve nas escolas para alargar os horizontes de pesquisa e relações de ideias e conhecimentos. De qualquer das formas esse mundo não só mostra a informação que procuramos, ele próprio é uma janela aberta sem restrições nas mãos dos jovens, para todo o tipo de intenções, possíveis aos olhos e ao pensamento.

Face a um possível desvio de comportamentos relacionados com a falta de consciência crítica sobre o que nos leva adotar diferentes critérios valorativos e que podem assumir uma ordem hierárquica sem relevância significativa, quer também para a afirmação e formação do sujeito como da sociedade, é necessário que a escola continue a ser valorizada. Ainda é na escola que se educa para os valores e este é um dos valores principais da escola. Tomo como exemplo os objetivos descritos no plano de ação do Projeto Educativo da Escola Secundária de Miraflores. As atividades propostas prevêm ações lúdicas, desportivas e competitivas entre várias escolas o que favorece o empenho e colaboração mutua, o acompanhamento dos comportamentos em sala de aula estimulando atitudes e comportamentos de respeito, responsabilidade e participação. Entre outros objetivos estratégicos está previsto fomentar na comunidade escolar uma prática para os valores através do desenvolvimento nas crianças e alunos, de normas de conduta social e cívica, bem como do respeito pelo património cultural e ambiental; desenvolver uma perspetiva efectiva de igualdade de oportunidades através de atividades facilitadoras de integração e inclusão de alunos portadores de deficiência.



Está também previsto neste PE o uso da Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de ensino aprendizagem assim como a disponibilização e o uso de materiais educativos online. A colaboração mutua entre departamentos e disciplinas poderá desenvolver atividades de reflexão crítica na utilização das novas tecnologias assim como no acesso a diversos conteúdos na internet.

Uns anos mais atrás, temos também o exemplo do projeto promovido pelo Departamento do Ensino Secundário do Ministério da Educação em parceria com a Associação de Professores de Português (APP). Este projeto teve em vista a publicação de várias edições que se fizeram chegar a todas as escolas, neste caso aos professores de Português, como recurso de apoio à lecionação dos programas, estabelecendo metodologias e atividades adequadas ao processo de ensino/aprendizagem, tendo em conta a articulação dos conteúdos definidos para as disciplinas com questões da atualidade. O projeto previu também ações no domínio das TIC e particularmente da internet contribuindo assim para a formação de uma rede nacional que servisse de suporte de auto-formação dos professores. Uma destas edições<sup>20</sup> intitulou-se “Educar para os Valores” e sugeria em forma de trabalho, percursos pedagógicos específicos e gerais com objetivos, conteúdos e atividades ou recursos de reflexão sobre o desenvolvimento pedagógico de conteúdos. Os conteúdos que foram apresentados nesta edição centraram-se nos temas como o meio ambiente, a exclusão social, solidariedade, cidadania nacional e europeia, dignidade do ser humano e questões éticas ligadas à igualdade dos direitos. Aqui a ênfase foi colocada na necessidade dos jovens aprenderem a fazer uma reflexão crítica de modo a problematizarem as alternativas que se lhes colocam de forma a poder conhece-las e perceberem se se ajustam ao seu projeto pessoal de vida. Hoje em dia quer os temas aqui colocados quer a necessidade de uma fundamentação baseada no conhecimento e na reflexão continuam a ser parte fundamental da função da escola como formadora de sujeitos conscientes de si e do mundo. A escola deve fazer-se perceber a si própria como meio exemplar onde a questão dos valores tem o papel principal na medida em que forma jovens conscientes preparados para as diversas escolhas que determinarão as suas ações futuras durante as suas vidas. Sob este desígnio a escola reflete um dos seus valores principais definido como igualdade de oportunidades, neste sentido a escola não será tanto o que se define como escola da vida uma vez que só e sempre a própria vida o será, mas será já a partir

---

<sup>20</sup> ASSUNÇÃO, Carlos; REI, José Esteves (1999) - *Educar Para os Valores*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário, Lisboa. pp. 9-36.

daquilo com que essa escola já contribuiu, a sua experiência e investigação para a noção de valores que se podem transmitir e ensinar em contexto disciplinar e escolar, um valor inquestionável da e para a descoberta de valores.

## **PEDAGOGIA AXIOLOGICA**

Os estudos do pensador e pedagogo Manuel Ferreira Patrício são influenciados principalmente pela corrente filosófica do pensamento germânico como o de Heinrich Rickert, Max Scheller, Nicolai Hartman e inspiram outros autores<sup>21</sup> para o contributo de uma prática educativa da filosofia dos valores. O estudo dos valores e a forma como estes se ensinam e aprendem é inquestionavelmente um trabalho que deve ser assumido pela Escola Institucional. Toda a formação integral do desenvolvimento do ser humano depende da educação que recebe continuamente durante a sua vida. Na escola existe o ambiente, os instrumentos e a capacidade para acompanhar, a dimensão ideológica, teórica e prática que os jovens naturalmente vão desenvolvendo pelas suas relações com a realidade. Durante a fase inicial do crescimento dos sujeitos a educação serve de fator determinante para aquilo que de forma individual e em comunidade irá definir os valores de uma sociedade. O desafio para a escola é de adequar os melhores métodos para garantir que as preferências valorativas dos alunos sejam feitas de forma refletida e que os seus critérios se fundamentem numa escolha para valores considerados maiores em relação a outros considerados menores. Na colecção de textos “Contributo para o Estudo da Axiologia Educacional de Manuel Ferreira Patrício” nomeadamente no texto de Artur Manso (2011, p. 21) quando se refere a Manuel Patrício, os educadores poderão educar a consciência moral dos seus educandos para valores maiores se nos programas educativos prevalecerem conteúdos e conceitos próprios das ciências da cultura ou do espírito. A pedagogia adotada assentaria num método através do qual interessa formar os indivíduos a partir daquilo que se considera ser a verdadeira essência do ser humano e que não se demonstra pelas ciências objetivas ou positivas. O conviver, o querer, o gostar e rejeitar, a transcendência e a imanência serão conceitos que uma pedagogia axiológica se deverá encarregar na educação de indivíduos ou de seres humanos que se definem pelos valores das suas ações. Uma pedagogia axiológica

---

<sup>21</sup> MANSO, Artur; MARTINS, Custódia; AFONSO, José António; CASULO, José Carlos (2011) – *Contributo Para o Estudo da Axiologia Educacional de Manuel Ferreira Patrício*. Estratégias Criativas – Marânus. pp. 13-59.

orienta-se assim sob normas que têm em conta uma diversidade de valores culturais próprios de uma sociedade pluralista e que se definem sob diversos critérios valorativos, para educar indivíduos conscientes de si num mundo que partilha o mesmo espaço ético. O tipo de pedagogia aqui sugerida remete para o “quê” e “como” se deveria a educação escolar definir, para travar o tipo de pensamento hegemónico que procura simplesmente formar sujeitos materialistas e especialistas em qualquer coisa, sobrevalorizando uma educação humanista. *“O pensamento hegemónico tem sido responsável pelas maiores catástrofes da humanidade e a evolução dos povos ditos civilizados, forma cada indivíduo no elo de uma engrenagem de produção e consumo que supostamente nos aumenta o bem estar”*<sup>22</sup>, Manso, (2011, p. 37). Se bem que as diretrizes europeias hoje em dia já apelem para que os currículos escolares prevejam a formação de alunos conscientes dos valores que definem um bom cidadão e o desenvolvimento da cidadania. A preocupação com a formação da pessoa em termos humanos e de ideais democráticos já tende a impor-se nos currículos escolares. Demos em cima, como exemplo, os objetivos específicos que, na Escola Secundária de Miraflores e no caso do projeto desenvolvido pelo Departamento do Ensino Secundário em parceria com a Associação de Professores de Português, se constituem como prova de trabalho e preocupação por parte dos educadores para a necessidade de consciencializar os alunos da importância dos valores.

É inevitável no meio educativo escolar ficar indiferente às consequências desumanas do progresso económico, tecnológico, industrial e materialista das sociedades atuais face ao pouco tempo que resta para a formação pessoal de indivíduos como seres humanos conscientes dessa realidade. Na escola o desafio pode direccionar-se, através de uma educação dos valores e de estudos que refletem sobre uma pedagogia axiológica, para que no futuro se salvguarde a identidade de cada um e de cada povo. Desta forma também este trabalho educará para a descoberta de valores transcendentais à sua individualidade na descoberta daqueles que são comuns a toda a humanidade. Este desafio apela à criatividade por parte dos educadores e um empenho sério para que junto dos seus alunos coexistam todas as formas possíveis que trazem continuamente as questões que envolvem os critérios e as ações valorativas pelas quais o ser humano vai perdendo ou ganhando significado.

---

<sup>22</sup> Ibidem, pp. 13-59.

Voltando à questão inicial sobre o relacionamento ou mesmo a prática de valores expressa na rede virtual. Obviamente grande parte dos alunos e do mundo hoje em dia de forma livre expressa e educa também os seus critérios valorativos na internet o que de certa forma pode até levar a uma dupla personalidade por expressar uma dupla ação valorativa. Isto é, nas suas relações sociais um indivíduo poderá assumir uma atitude que responda ao que a sociedade espera ver, dissimulando assim expectativas, enquanto no mundo virtual se poderá sentir livre para revelar aptidões ou preferências valorativas completamente diferentes, revendo-se no fundo nessas ações. De qualquer forma estando os alunos, de grande parte das escolas sujeitos a esse tipo de experiências valorativas, elas acabam por prende-los de forma constante ao ecrã uma vez que é nelas que acabam por se compreenderem. Uma pedagogia axiológica atenta às necessidades e preferências que as experiências livres de regras morais ou de outras permitem numa educação paralela dos alunos, poderá servir para os tornar conscientes da importância sobre a necessidade de saberem problematizar essas próprias experiências. Poderá ser ainda sob o trabalho de uma pedagogia axiológica que os alunos ao invés de serem acusados da falta ou má prática de valores, nomeadamente na internet, percebam que se estiverem seguros de si próprios em relação a valores maiores poderão mesmo na rede virtual assegurar essa atitude e confiança estabelecendo assim também eles próprios os limites do seu uso e consumo. O valor maior que se pretende salvaguardar é sempre aquele que estará em maior grau de importância e que será o ser humano e por consequência a humanidade, a partir do qual se hierarquizam todos os outros valores possíveis, quer sejam subjetivos ou objetivos.

A educação tem a maior responsabilidade para aquilo em que se torna o ser humano e este necessita que ela o oriente para evitar uma ocorrência da perda de si próprio por exemplo por causa de vias meramente utilitárias e mesmo virtuais. O próprio sentido etimológico do termo “educação”<sup>23</sup> pode ser lido como um caminho que se percorre ou como uma passagem de um lugar para o outro. A escola, além de todo o processo educativo que envolve o crescimento dos alunos e jovens, pode tornar estes sujeitos conscientes desse mesmo processo pelo qual atravessam, conduzindo-os para que no futuro se auto-eduquem também de forma refletida e consciente, “*A finalidade da*

---

<sup>23</sup> O termo “educação” pode ser lido etimologicamente como “ducare” no sentido de alimentar, nutrir. O sentido etimológico definido no presente texto refere-se à tradução do termo “e-ducere” como conduzir para fora ou levar para fora. O significado do termo (direcionar para fora) era empregado no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade, ou seja, conduzi-las para fora” de si mesmas, mostrando as diferenças que existem no mundo

*educação no sujeito que a recebe reside na capacidade que ele adquire de responder «de modo adequado» e «mesurado» às solicitações que lhe vêm das pessoas ou das circunstâncias, bem como na capacidade de criar as condições concretas que permitem aos seus projectos de se realizar conforme a sua liberdade.”*<sup>24</sup> Renaud (1996, p. 39). O valor liberdade ganha aqui a sua maior razão de ser, estabelecendo e enriquecendo a escola com desafios para os seus métodos e pedagogias, que sendo estas axiológicas e de outra ordem devem preparar os seus educandos num sentido prático e valorativo da vida dos seres humanos em comunidade. “*A educação não só é educação para a liberdade, mas é libertação activa dos múltiplos condicionalismos externos e internos em vista a tornar possível a iniciativa livre e responsável.*”<sup>25</sup>. A estes próprios condicionalismos podemos perfeitamente apontar a entrega pessoal ao mundo virtual onde sem uma orientação refletida o conceito de liberdade e responsabilidade perdem o seu valor efetivo. Deste modo estas valorações estarão à mercê do significado a que cada um lhe convier ou então serão estes sujeitos dependentes de algo virtual que os incita a uma auto-educação sem um método refletido para um fim valorativo.

## **EXPERIÊNCIAS VALORATIVAS REAIS**

Em vez de ser preferência e escolha como campo de prática de valores, a internet e os dispositivos que a revelam poderiam ser reduzidos à sua primeira e última função que será recurso de apoio informativo e comunicativo. Uma prática consciente do uso e consumo de dispositivos que os próprios alunos desde novos carregam nos seus bolsos, será certamente um desafio para pedagogias que visam educar, através de métodos que levem os jovens, a serem eles próprios a descobrirem o seu significado valorativo, como pessoas e seres humanos. O campo de ação das verdadeiras experiências valorativas está na relação com o mundo palpável, em que toda a circunstância e constituição do ser humano se põem à prova. O ser humano sendo natureza e distinguindo-se dela ao mesmo tempo, precisa de um campo real de ação que seja prova da possibilidade e educabilidade das suas relações no mundo e que estas tenham significado de valor maior, educando-se a si próprio e aos que o rodeiam. A escola possibilita o campo de prática real e é ainda onde problemas como a virtualização dos valores ganham

---

<sup>24</sup> RENAUD, M. (1996). “Filosofia e Educação”, in *A FILOSOFIA NO MUNDO ACTUAL*. nº 5 Universidade dos Açores Fevereiro 1996, Arquipélago, Ponta Delgada. p. 39.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 39.

consciência crítica para poderem ser desmitificados. É preocupante a importância que a realidade revelada nos “ecrãs” ganhou até aos dias de hoje. Na história sempre houve mudanças e resistências a ela própria e o mesmo aconteceu no início da era tecnológica<sup>26</sup> também chamada de era digital ou de informação. Hoje em dia a aceitação do mundo virtual<sup>27</sup> é comum e serve de meio para expressões e valores humanos. Esta realidade contribui hoje em dia para o conceito de cultura no mundo ocidental e ao mesmo tempo desafia para uma emergente solução das suas consequências no que se refere à individualização, isolamento, abuso de poder, invasão de privacidade, terrorismo, indiferença, anti socialização etc.

O exemplo que se segue é retirado de um texto que relata o modo como um chefe índio da tribo Tiavéa avalia o modo como vive o Homem Branco – o Papalagui. Numa viagem pela Europa este chefe estranha os hábitos e comportamentos dos europeus que são muito diferentes dos do seu povo. A questão dos valores está nitidamente evidenciada uma vez que se avaliam os comportamentos, ações e modos de vida a partir de outros valores culturais completamente diferentes. De qualquer das formas não deixa de ser curioso como a perspetiva que representa um modo de vida e de pensar distinto acaba por se constituir numa crítica reflexiva ao modo como praticamos os nossos valores. Este relato refere-se às salas de cinema e à forma como nos expomos e relacionamos com esse tipo de realidade, “ *...a vida na Europa não pode existir sem aquele lugar onde se simula a vida, e sem os muitos papéis (...) no meio dessa luz surgem uns homens, homens autênticos, semelhantes a verdadeiros Papalaguis (...) Mas nem por isso aquelas pessoas na parede deixam de ser uma aparência de seres humanos. (...) Deixa-se, pois, ficar, sem se mexer, com a respiração suspensa, olhos fixos na parede. Quando vê um homem de nobre e valoroso coração. Essa imagem grava-se-lhe no espírito, e então diz: «É a minha imagem!» (...) E é isso, essas imagens que não respiram, que não vivem na realidade, que dá o maior dos prazeres ao*

---

<sup>26</sup> Período a seguir à era industrial a partir de 1980. Em 1970 tinham-se já iniciado invenções que se desenvolveram até aos dias de hoje e fazem parte das tecnologias que consumimos como microprocessadores, rede de computadores, fibra ótica e o computador pessoal.

<sup>27</sup> A Internet é a maior experiência histórica do âmbito da anarquia. A cada minuto, centenas de milhões de pessoas criam e consomem uma quantidade incalculável de conteúdo digital num mundo *online* que não conhece, verdadeiramente, os limites das leis humanas. Esta nova capacidade de livre expressão e livre-trânsito de informação deu origem à rica paisagem virtual que hoje conhecemos. - [http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com\\_content&id=2769:a-nova-era-digital&Itemid=109](http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&id=2769:a-nova-era-digital&Itemid=109)

*Papalagui.*”.<sup>28</sup> Partindo deste exemplo, retirando a particularidade para os dias de hoje que os ecrãs, presentes em diversos e abundantes dispositivos, têm de simular a vida através de imagens, podemos perceber como o valor sendo uma qualidade que alguém atribui às coisas tornou desejável, por essa atribuição, um mundo de aparências.

O campo virtual onde cada vez mais e preferencialmente se tende a expressar e interiorizar valores não serve as exigências pelas quais se definem as qualidades valorativas dos seres humanos. Existe simplesmente uma relação que se estabelece com um objeto e esse ganha qualidade valorativa pela importância que se reconhece no seu conteúdo. Na realidade até pode existir uma reflexão e uma consciência sobre esses conteúdos expostos num ecrã, eles próprios apelam a um espírito crítico mas não se realizam em valorações reais.

Para Max Scheler (2008) na sua obra “A Situação do Homem no Cosmos” o termo pessoa encontra-se intimamente ligado com aquilo que diferencia e que é a essência do ser humano em relação a todos os outros seres, o espírito e a relação com o impulso da sua natureza. O seu estudo procura uma fundamentação metafísica de uma realização absoluta do Ser enquanto aquele que forma o seu espírito num processo consciente e reflexivo, dotado de história e da capacidade de negar e transformar o presente. O autor considera que o ser humano enquanto pessoa dotada de espírito consegue objetivar-se na história mas o ser do seu espírito não é susceptível de se poder objetivar por si só. O próprio espírito cultiva-se numa cooperação entre os dados sensíveis e o que a faculdade da razão determina. De qualquer das formas a essência do espírito pessoa ou do ser humano, distingue-se pela capacidade de um ser ser autoconsciente de si e do mundo e desta forma tornar possível o autoconhecimento. Nesta autoconsciência e autoconhecimento está implicado aquilo que o autor considera fundamental para este mesmo processo, o empenhamento da própria pessoa, “*Só no empenhamento da própria pessoa se abre a possibilidade de conhecer também o ser do Ser-que-existe-por-si.*”<sup>29</sup>. Este tipo de conhecimento envolve através de ações ou empenhamento ativo a revelação e o desenvolvimento de realizações que em termos axiológicos contribuem para uma contínua evolução do espírito do ser humano.

---

<sup>28</sup> TUIAVII (2009). *O Papalagui – discursos de tuiavii chefe de tribo de tiávea dos mares do sul*, Antígona, Lisboa. pp. 58-59.

<sup>29</sup> SCHELER, M. (2008). “Contributo para a metafísica do Homem”, *A situação do Homem no cosmos*. Edições Texto & Grafia, Lisboa. p. 109.

O desenvolvimento, a educação, a transformação e evolução do sujeito pessoa está sob condição do seu aparecer, de um estar aí no mundo de forma real e efetiva. Sob uma condição virtual, a expressão do impulso e espírito parecem confundir-se e os valores que se depositam nessa rede podem não ter significado em termos reais uma vez que a sua objetivação é susceptível de só ser virtual. Para a realização do espírito importa que os impulsos sejam reflexo das ideias e dos valores que guiam a sua vontade. É neste jogo entre espírito e impulso que se revela a objetividade histórica ou seja o tipo de ações que determinam a história. As ações, o conhecimento sobre elas e a reação que elas provocam, caracterizam os valores e a evolução da vida do ser humano. Só num contexto de relações e experiências reais acontece a descoberta de si e do sentido do mundo.

## **CAMPO ESCOLA**

O problema específico que se aponta ao tempo e à relação que os alunos despendem com os seus dispositivos ligados à internet, não pretende acusar esse produto por falta de valores. A questão prende-se com a responsabilização da prática e dos métodos educativos que devem ser adotados pela instituição escolar, para que se destaquem ainda pelo seu poder educativo real. Um sujeito exposto às novidades de uma educação paralela e neste caso referimo-nos à internet, se não perceber como deverá assimilar os seus conteúdos, simplesmente é guiado e controlado pelo produto consumido. Independentemente de todas as formas que se possam inventar e que estejam ao serviço dos indivíduos e da sociedade caberá sempre à educação preparar pessoas conscientes da sua capacidade única para refletir e questionar acerca das ações que determinarão o melhor para todos. A sociedade está em constante mudança e todos nós somos afetados. Por isso a escola será o lugar preferencial para o início de uma formação que educa os seus alunos conscientes do valor da vida humana e dos valores que se reconhecem para que essa vida perdure sob o desígnio da humanidade. Com uma boa educação alcançada no contato escolar, não haverá que temer uma dispersão da identidade dos sujeitos ou dos valores novos que poderão abraçar. Uma boa educação oferece uma base sólida para que os caminhos da vida se demonstrem positivos e confiantes.

Tomo como exemplo um trabalho de equipa transnacional realizado ainda nos anos noventa aquando dos tempos de mudança que já se faziam sentir pelo emergir das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação. A rede formada pela Alemanha,



Dinamarca, Grécia, Irlanda e Portugal foram os países que integraram dentro de um Programa Europeu o projeto PETRA II,<sup>30</sup> Ação II,<sup>31</sup> durante três anos, a fim de se preparar a escola, os professores e os educandos para a mudança de hábitos e do sistema educativo. A intervenção deste projeto teve como fim em diversas escolas nacionais, através de pareceres, informações, opiniões e workshops, testar estratégias facilitadoras que permitissem desenvolver competências e identificar e superar os seus obstáculos. Interessava precaver as escolas para uma descentralização e estarem aptas para essa mudança. Deste ponto vista a educação tinha de se preparar para novos desenvolvimentos curriculares assentes em projetos educativos integrais. O trabalho desenvolvido procurou “ - *definir as competências do professor/formador e do aluno/formando do futuro; - traçar estratégias e construir propostas de ambientes de aprendizagem para o desenvolvimento dessas competências.*”<sup>32</sup> Essencialmente este trabalho dirigiu-se ao professor uma vez que a mudança começaria em si próprio sendo este aprendiz e educador ao mesmo tempo de novas competências.

Hoje em dia estamos a viver essas mudanças, para as quais as escolas antecipadamente foram preparadas. Os modelos e métodos de aprendizagem que se foram introduzindo nos currículos escolares significaram um desafio próprio às competências do professor e às exigências de um trabalho em equipa. O problema identificado sobre o tipo de relação que os alunos estabelecem com a internet e os dispositivos que a suportam é também um sinal para se perceber que cabe à escola, aos educadores e por conseguinte aos educandos saber refletir sobre as consequências dessa mudança que agora vivemos. Neste momento já percebemos como uma das exigências para a educação foi o desenvolvimento pessoal e social e como os processos pedagógicos visam libertar os educandos de condicionalismos culturais e perceberem a importância de valores como seja a tolerância ativa. Mas nesta mudança o trabalho não cessa e exige criatividade no desenvolvimento educacional uma vez que este novo mundo compete ferozmente com o próprio conceito “educar”.

---

<sup>30</sup> Programa PETRA II, propunha a reflexão sobre o desenvolvimento de uma formação profissional inicial reconhecida, que facilitasse a mobilidade de formadores e formandos.

<sup>31</sup> Ação II, pretendia estabelecer redes europeias de parcerias de formação conjunta de formadores, implementação de módulos de formação e desenvolver projetos de iniciativas jovens.

<sup>32</sup> LEITE, Elvira & ORVALHO, Luísa (1995) O PROFESSOR APRENDIZ – Criar o Futuro. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, p. 12.

## CONCLUSÃO

Uma das características principais é que permite ao ser humano poder afirmar-se como tal é o facto de este pertencer inevitavelmente sempre a uma realidade valorizável por ele próprio e pelos outros. Vários são os autores que se dedicaram ao estudo dos valores e sobre os quais a escola e a educação assumem o principal papel na aprendizagem.

Nos dias de hoje a realidade virtual é parte integrante do senso comum e além de um simples produto de consumo ela assume um significado de grande importância na vida da sociedade. Um dos problemas que poderá derivar do uso constante da rede virtual está relacionado com o tipo de valores que se praticam. Face a isto identificamos em particular o relacionamento e mesmo a dependência que os jovens têm com os seus dispositivos como o telemóvel e tablets. Esta relação faz-se notar mesmo dentro da sala de aula constituindo um factor de distração e mesmo de impotência para o professor sobre essa propriedade. A facilidade de acesso à rede virtual, mundo onde uma imaginação livre de princípios conscientes acede a qualquer tipo de contexto, pelo menos por parte dos jovens, poderá provocar uma preferência principal de prática de valores que se revela ser pouco efetiva. Uma vez que a escola é o espaço por excelência na nossa sociedade para educar para os valores, ela também será o lugar onde os jovens aprendem a identificar essa mesma necessidade. O ser humano além do seu lado instintivo possui a capacidade de gerir esse impulso natural. O seu espírito realiza-se e constrói uma imagem de si próprio ou do ser humano em geral segundo as experiências valorativas na qual se revê. A descoberta do ser humano revela-se nas respostas que se obtém das reflexões sobre as suas ações. A experiência virtual indiscriminada e sustentada pelo constante acesso livre poderá iludir a uma construção de sujeitos que não se definem pela prática das suas ações mas pela simples intenção dessas mesmas, depositada numa rede virtual. Assim, uma vez que muitos autores defendem para a educação os valores culturais e espirituais como foco fundamental do desenvolvimento do ser humano, será importante precaver métodos pedagógicos que respondam a problemas como aqueles que levam os jovens a ausentarem-se da participação efectiva desses valores.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERONI, F. (2010). *Valores*. Barcelona, Editorial Gedisa.

ASSUNÇÃO, Carlos; REI, José Esteves (1999). *Educar Para os Valores*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário. pp. 9-36.

CASTELLS; Manuel (2007). *A galáxia internet*. Lisboa, Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

KROPOTKINE, Piotr Alexeevich (2006), *A moral anarquista*, Lisboa, Edições Sílabo

LEITE, Elvira & ORVALHO, Luísa (1995) *O PROFESSOR APRENDIZ – Criar o Futuro*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

MANSO, Artur; MARTINS, Custódia; AFONSO, José António; CASULO, José Carlos. (2011). *Contributo Para o Estudo da Axiologia Educacional de Manuel Ferreira Patrício*. Porto, Ed. Estratégias Criativas, Marânus.

MORIN, E. (2016). *A Via Para o Futuro da Humanidade*. Lisboa, Ed. Piaget.

RACHELS, James (2004), *Elementos de filosofia moral*, Lisboa, Gradiva.

REBOUL, O. (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa. Edições 70, LDA.

RENAUD, M. (1996). “Filosofia e Educação”, in *A FILOSOFIA NO MUNDO ACTUAL*. nº 5 Universidade dos Açores Fevereiro 1996, Arquipélago, Ponta Delgada. pp. 35-46.

RESWEBER, Jean-Paul (2002). *A Filosofia dos Valores*. Coimbra, Almedina.

SCHELER, M. (2008). *A situação do Homem no cosmos*. Lisboa, Edições Texto & Grafia.

SILVA, António Joaquim Abreu (2002) *Pedagogia Crítica e Contra – Educação*. Coimbra, Quarteto editora.

TUIAVII. (2009). *O Papalagui – discursos de tuiavii chefe de tribo de tiávea dos mares do sul*. Lisboa, Antígona.

## **Consultas WEB**

<http://www.dge.mec.pt/>

<http://www.dge.mec.pt/filosofia-1>

<http://conceito.de/valor>

[http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com\\_content&id=2769:a-nova-era-digital&Itemid=109](http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&id=2769:a-nova-era-digital&Itemid=109)

## **ANEXOS**

# PLANIFICAÇÕES

2. Os Valores – análise e compreensão da experiência valorativa 1ª aula 55 minutos 2.1 Valores e valoração – a questão da experiência valorativa.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Material/Recursos	Avaliação	Tempo	Observações
- Descrever a importância da decisão como processo valorativo.	- O ser humano perante situações, pessoas e objectos.. A tomada de decisão incentivada pelo desejo e necessidade do sujeito.	- Começar por apresentar a axiologia como disciplina que estuda os valores. Mostrar uma imagem ilustrativa do pai natal onde de forma irónica o pai natal diz para não lhe pedirem paz no mundo mas brinquedos e tecnologia uma vez que trabalha para uma sociedade de consumo. Pedir aos alunos a interpretação. Mostrar no projector várias imagens onde se coloca uma situação de decisão e em como se escolhe conforme as preferências. A questão das pessoas que deitam o lixo no chão e os que fazem a reciclagem.	-Power point – projector.		-15min.	
- Definir valores.	-Definição de valores – orientam as nossas acções e são a razão de ser delas.	- Mostrar no projector a definição de valores e de decisão segundo os exemplos.	-Power point- projector.		-10min.	
- Apresentar hierarquização de valores.	-A hierarquização de valores – avaliar o que se considera com mais valor tendo em conta as consequências da decisão. Subjetividade.	- Falar da subjectividade dos valores. Mostrar no projector tipos de valores – afectivos, morais, ecológicos, individuais, corporais, estéticos.	- Power point- projector.		-10min.	
- Verificar polaridade.	-Definição de polaridade – cada valor tem um contra valor.	- Mostrar imagens no projector de valores e contra valores. E apresentar a definição de polaridade, experiência valorativa e valoração.	- projector		-10min.	
- Definir valores e contra valores.	- Os valores como razões de ser das nossas acções – as preferências de cada sujeito do modo subjectivo como as valoriza.	- Ler um texto com uma situação de dilemas de valores- projectar o texto – realizar o trabalho em conjunto oralmente, expondo as posições de cada aluno.	-projector	-Registrar as participações- participou/não participou.	-10min.	

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Material/Recursos	Avaliação	Tempo	Observações
- Identificar juízos de facto e juízos de valor.	- Propriedades dos objectos, opiniões acerca de objectos e situações. Os valores como preferências do sujeito.	- Realizar a actividade da página 91 do manual. Ouvir e resolver as questões com os alunos	Manual		-15min	
-Distinguir objectivismo e subjectivismo axiológicos	- O objectivismo – valores como realidades objectivas independentes do sujeito e anterior aos objectos.- O subjectivismo – o ser humano é quem cria os valores.	- Apresentar a definição para objectivismo e subjectivismo axiológico. Exemplificar com a alegoria da caverna de Platão para explicar o objectivismo axiológico – explicar como os valores são absolutos e como o sujeito atualiza a realidade objectiva reconhecendo o valor que nela participa mas que ainda não é o ideal. Contrapor com a explicação do subjectivismo axiológico.	- Projetor- power point.		-15min.	
-Problematizar as perspectivas teóricas – objectivismo e subjectivismo axiológico.	- Os limites se os valores forem apenas objetivos ou se forem apenas subjectivos. Problema da existência dos valores fora do sujeito ou dependentes do sujeito.	- Explorar oralmente com os alunos os limites das duas perspectivas teóricas. Projectar os limites das perspectivas teóricas.  Questões a colocar – como poderão existir valores independentes do sujeito e dos objectos?  - Se atribuímos valores conforme as nossas preferências como podemos dizer o que é justo, ou o que é o bem, ou ser responsável?	- Projetor- power point.		-15 min.	
-Distinguir valor como vivência, qualidade e ideia.	- Diferentes definições de valor segundo uma perspectiva do psicologismo, do naturalismo e do ontologismo.	-Explicar com o apoio do power point no projector a diferença entre três perspectivas de definir valor.	- Projetor- power point.		-10min	



## TESTES



MIRAFLORES

**Escola Secundária de Miraflores**

**1º teste de avaliação-Filosofia**

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma A1/E1 10º ano \_\_\_\_\_ Classif. \_\_\_\_\_

**VERSÃO A**

**GRUPO I**

**1. Na resposta a cada um dos itens escolha a opção correta:**

**1.1. A filosofia espontânea é:**

- a) Um conhecimento científico.
- b) Um conhecimento sistemático.
- c) Um conhecimento natural.
- d) Um conhecimento rigoroso.

**1.2. O exercício da filosofia é uma atividade de todo o ser humano que:**

- a) Se disponibiliza a pensar por si mesmo.
- b) Lê muitos livros sobre filosofia.
- c) Sabe muito acerca de tudo.
- d) Escreve livros de filosofia.

**1.3. O ser humano pode ser levado a filosofar por:**

- a) Falta de bens materiais.
- b) Duvidar acerca daquilo que o rodeia no mundo.
- c) Ter vontade de alcançar sucesso.
- d) Falta de emprego.

**1.4. A filosofia sistemática corresponde:**

- a) Um pensamento reflexivo.
- b) Uma posição dogmática.
- c) Um conhecimento comum.
- d) Um conhecimento acrítico.

### 1.5. O objeto de estudo da filosofia é:

- a) O estudo dos seres vivos.
- b) O estudo de uma parte da realidade.
- c) O estudo do ser humano.
- d) O estudo da totalidade da realidade.

### 1.6. A filosofia tem como método de estudo:

- a) A verificação experimental.
- b) A argumentação crítica.
- c) O exercício do pensamento filosófico.
- d) O comportamento humano.

## GRUPO II

### 1. Preencha os espaços em branco com a correspondente área da filosofia.

- a) – O que é o belo? \_\_\_\_\_
- b) – Quais as regras para se considerar um argumento válido? \_\_\_\_\_
- c) – Estará o conhecimento científico mais próximo da verdade? \_\_\_\_\_
- d) – Como se deve agir? \_\_\_\_\_
- e) – Qual a natureza da experiência religiosa? \_\_\_\_\_

### 2. Leia atentamente a seguinte situação.

Já te disse para ires comprar o pão. Traz também a manteiga para o pequeno almoço.  
Tens dinheiro? Hoje prometo que não te peço mais nada. Vou pôr a mesa.  
O João toma o pequeno almoço porque comprou o pão.

#### 2.1. Identifique no texto as frases que são proposições e as que não são. Justifique.



**1. Classifique as proposições que se seguem quanto à sua quantidade:**

- a) Os homens bebem água.
- b) Só há maçãs vermelhas.
- c) Há maçãs vermelhas.
- d) O cavalo que o Manuel comprou é forte.
- e) O fado é um estilo de música portuguesa
- f) Os automóveis azuis são mais rápidos.

**2. Dos argumentos dedutivos que se seguem, indique os que são válidos e os que são inválidos.**

2.1\_\_

- V Todos os alunos sabem nadar.
- V O João sabe nadar.
- F Logo, o João é aluno.

2.2\_\_

- V Todos os planetas são habitados por seres vivos.
- V Marte é um Planeta.
- V Logo, Marte é habitado por seres vivos.

**3. Nos argumentos que se seguem identifique as premissa e a conclusão.**

Argumento	Premissa	Conclusão
3.1 – O Manuel vai à escola porque gosta de aprender.		
3.2 – Está a chover, então levo o guarda-chuva.		
3.3 – Hoje a Maria faz anos portanto vamos fazer uma festa.		
3.4 – Partindo do princípio que todos sabem nadar, vamos à piscina.		
3.5 – O Carlos não vem trabalhar dado que está de folga.		
3.6 – A Joana está doente por isso não vai ao cinema.		

## GRUPO IV

### 1. Leia o texto com atenção e responda às questões.

"A cada etapa da vida do homem corresponde uma certa Filosofia. A criança apresenta-se como um realista, já que está tão convicta da existência das pêras e das maçãs como da sua. O adolescente, perturbado por paixões interiores, tem que dar maior atenção a si mesmo, tem que se experimentar antes de experimentar as coisas, e transforma-se portanto num idealista. O homem adulto, pelo contrário, tem todos os motivos para ser um cético, já que é sempre útil pôr em dúvida os meios que se escolhem para atingir os objectivos..."

Johann Wolfgang von Goethe, in "Máximas e Reflexões"

#### 1.1 - Explique o papel da dúvida no desenvolvimento da atividade filosófica.

#### 1.2 - Distinga método filosófico de método científico.

#### 1.3 – Explique de que forma “a vontade de comunicação” e “a consciência da fragilidade humana” motivam para o filosofar.

#### Cotações

Grupo I	Grupo II		Grupo III			Grupo IV
1.	1.	2.	1.	2.	3.	1.
1.1 - 1.6	a) – e)	2.1 - 25p	a) - f)	2.1 – 2,5p	3.1 - 3.6	1.1 – 30p
6x5p	5x5p	6x2,5p	2.2 – 2,5p	6x2,5p		1.2 – 25p
						1.3 – 30p
30 pontos	25 pontos	25 pontos	15 pontos	5 pontos	15 pontos	85 pontos

## AULAS

### 2. Argumentação e retórica

2.1 O domínio do discurso argumentativo – a procura de adesão do auditório.

2.2 O discurso argumentativo – principais tipos de argumentos e de falácias informais.

Opção B - A filosofia na cidade.

2.1 O domínio do discurso argumentativo – a procura de adesão do auditório.

**Na Lógica Formal**

**Na Lógica Informal**

**Na Lógica Formal**

O que importa é apenas a forma dos argumentos, a sua validade.

Exemplo:  
P1 A – B  
P2 B – C  
C A- C

**Na Lógica Informal**

O que importa é o conteúdo ou o que os argumentos querem dizer.

Exemplo:  
Apareceram à venda no mercado maçãs azuis. Tens de provar! Sabem a pastilha elástica e fazem um sumo que brilha no escuro.

**Lógica Formal**

- Analisa apenas a estrutura dos raciocínios.

Demonstração

**Lógica Informal**

- Analisa os aspetos expressos pela linguagem natural e o contexto em que ocorrem.

Argumentação

### Distinção

**Demonstração** – raciocínio analítico

- É do domínio do constringente – Impõe de modo evidente.
- É Impessoal.
- Avalia a validade de um raciocínio.
- Usa linguagem artificial.
- Visa uma verdade universal.

Exercício da pag. 72

**Argumentação** - raciocínio dialético.

- É do domínio do verosímil e da comunicação.
- Supõe um auditório, é pessoal.
- Esta situada num contexto preciso, é contextualizada.
- Utiliza a linguagem natural.
- Aberta ao diálogo e à discussão.





Aristóteles século IV a.C. A Retórica.



Raciocínios analíticos ou demonstrativos.

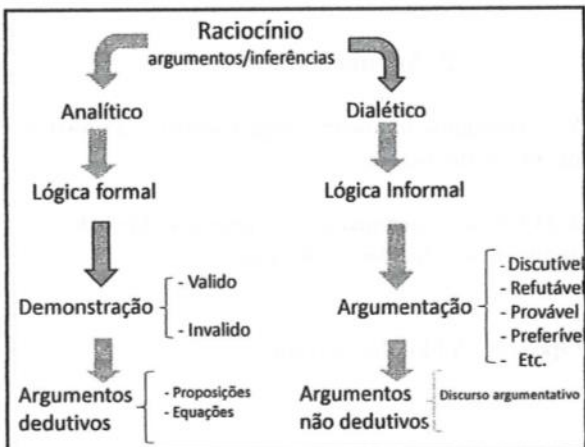


Estabelecem uma relação necessária entre a verdade das premissas e a verdade da conclusão.  
- CONSTRINGENTE

Raciocínios dialéticos ou argumentativos.



Partem de premissas prováveis, de opiniões ou opções consideradas preferíveis.  
- VEROSÍMIL



**O que são os argumentos?**

**Qual o objetivo dos argumentos?**

**Pretendo o quê quando argumento?**

**Dêem-me argumentos?**

**Leia atentamente as afirmações que se seguem e responda se são (V) ou (F). Justifique.**

- a) A lógica formal utiliza o raciocínio analítico para estudar o conteúdo dos argumentos. \_\_
- b) A lógica informal utiliza o raciocínio analítico para estudar o conteúdo dos argumentos. \_\_
- c) A Lógica formal preocupa-se com a demonstração dos argumentos. \_\_
- d) A Lógica Informal preocupa-se com o que os argumentos comunicam. \_\_

e) Na argumentação utiliza-se uma linguagem técnica. \_\_

f) O Raciocínio que utiliza a argumentação não dedutiva pode chegar a conclusões falsas independentemente do valor das premissas. \_\_

g) Verosímil quer dizer que há uma relação de necessidade por isso é evidente. \_\_

h) Constringente quer dizer semelhante à verdade. \_\_

i) A demonstração não supõe um auditório por isso é pessoal. \_\_

j) A argumentação supõe um auditório por isso é universal. \_\_

**Exercício:**

Imaginem que são delegados médicos e que o vosso chefe quer que viagem até à Amazônia, para venderem comprimidos para as insónias a uma comunidade que vive no meio da floresta. A marca dos comprimidos que vão vender é ROSCOV.

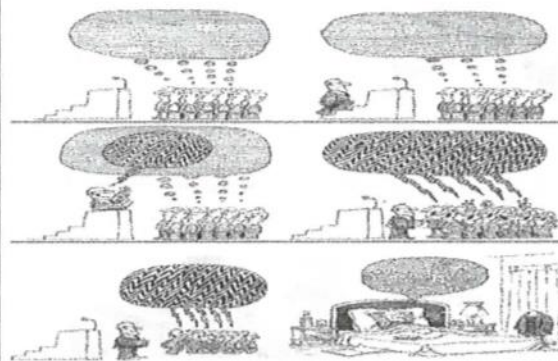


Que argumentos irás apresentar à comunidade da Amazônia para conseguires que eles os comprem?  
(10 minutos)

### Exercício:

Sabendo que, um argumento é um conjunto de frases mas um conjunto de frases pode não ser um argumento. Construa um texto para com argumento e um texto sem argumento.

### Três elementos fundamentais da argumentação



O discurso argumentativo liga o orador ao auditório.

### Três elementos fundamentais da argumentação



Ler na pag. 73

### Caraterísticas do discurso argumentativo:

- Pressupõe o uso da palavra para conquistar a adesão do auditório.
- Serve-se da linguagem natural, a que deve ser compreendida pelo auditório.
- Tem caráter de diálogo podendo aceitar-se ou rejeitar-se o que se está a dizer.
- O orador pretende agir sobre as convicções dos outros.
- Usa estratégias para convencer o recetor.
- Consegue problematizar temas e teses e conduzi-los à dúvida.

### Aspetos a ter em conta:

- Que tipo de público/auditório temos. Homens, mulheres, crianças, cristãos, judeus, desportistas, empresários, caraterísticas psicológicas, etc.

- O contexto. Onde vive, quais as crenças.

A mesma tese pode ser comunicada a auditórios diferentes desde que haja uma adequação do discurso.

- Exercícios da página 74. exercício 2

- Tese – a mesma para públicos diferentes

Imaginem que são agentes imobiliários e têm uma casa com 50m<sup>2</sup> (T1) e os clientes interessados são: uma família chinesa de 8 pessoas – um casal com o filho e a nora mais 4 filhos, duas meninas de 4 e 6 anos e dois rapazes de 12 e 14 anos.

Os outros clientes são um casal com um cão.



### Qual a melhor forma de argumentar?



- O modo como comunico



- Os argumentos que utilizo

- A persuasão



Aristóteles século IV a.C. *A Retórica*.



Chaim Perelman século XX. *O Império Retórico. Retórica e Argumentação*

Audatório universal

Audatório particular



### O que é a Retórica?

Significado Etimológico



Rhêtorikê – arte do discurso

Aristóteles séc. IV a.C. – capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir.

Ler o texto de Aristóteles na pag. 75. Ler a situação problema da página 69

Como obter a adesão do auditório?

Arte de persuadir pelo discurso



Falar com eloquência



Que meios vou utilizar?

### Frases de Martin Luther King

- \* "O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons".
- \* "Pouca coisa é necessária para transformar inteiramente uma vida: amor no coração e sorriso nos lábios".
- \* "Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida".
- \* "Quem aceita o mal sem protestar, coopera realmente com ele".

Quais os meios ou estratégias de persuasão adequados?

A retórica funciona como instrumento – quais os melhores procedimentos?

O discurso oral

imagens

Ironia

Uso de emoções

Sons

Metáforas e alegorias

Exemplos e analogias

Gestos

Repetição de uma ideia

O discurso escrito

Ver imagem da pag. 77.  
O que te transmite?

Alterações de tom de voz

